



UM CEU, MUITOS QUINTAIS!

Priscila dos Santos Silva

Trabalho realizado sob a orientação da Profa. Gabriela Romeu, em exigência parcial, para a obtenção do certificado de especialista, como concluinte do curso de Pós-Graduação Lato Sensu “A vez e a voz das crianças: a arte de escutar e conhecer narrativas, linguagens e culturas infantis”.

Ano
2021

RESUMO

Os Centros Educacionais Unificados, mais conhecidos como CEUs, são complexos que apresentam em sua estrutura escolas, bibliotecas, piscinas, teatros, quadras e áreas de lazer. Foram projetados com o intuito de unir a educação, a cultura e o esporte a serviço da população local. Há vários espalhados pela cidade de São Paulo, cada um com características diferentes, apesar da semelhança na estrutura. Também são espaços importantes para as infâncias, pois o acesso das crianças e suas famílias é livre e não se restringe às instituições nele existentes. O presente trabalho refere-se a uma pesquisa por meio de conversas com crianças que residem no entorno do CEU Uirapuru, localizado na periferia da zona oeste de São Paulo. Lá brincadeiras acontecem nos mais diversos espaços: estruturados ou não. Os primeiros capítulos referem-se às impressões da pesquisadora em relação às experiências vividas no curso de pós-graduação e em seu percurso pessoal de vida. Em seguida a autora fala sobre os quintais e o motivo de ter escolhido como espaço de observação o CEU, dissertando acerca da história e das concepções fundantes do projeto. Posteriormente, há registros das conversas com as crianças sobre como utilizam os espaços do CEU Uirapuru, suas brincadeiras e memórias. Os textos buscam dialogar com autores que abordam a escuta de crianças de áreas como Antropologia, Pedagogia e também da Psicologia Social quando trata dos inventários e registro de memórias. Os poetas também são evocados em reflexões sobre a infância e a importância do brincar nesse espaço que, apesar de inacabado, é palco de criações e invenções.

PALAVRAS-CHAVE: Escuta. Quintal. CEU. Infância. Inventário.

ABSTRACT

The Unified Educational Centers, better known as CEUs, are complexes that have schools, libraries, swimming pools, theaters, sports courts and leisure areas in their structure. They were designed with the aim of uniting education, culture and sport at the service of the local population. There are several around the city of São Paulo, each with different characteristics, despite the similarity in structure. They are also important spaces for childhood, as access for children and their families is free and not restricted to existing institutions. The present work refers to a research through interviews with children who live in the surroundings of the CEU Uirapuru, located in the west side of São Paulo, where games happen in the most diverse spaces: structured or not. The first chapters refer to the researcher's impressions in relation to the experiences lived in the graduate course and yourself live. Then, the author talks about the backyards and the reason for choosing the CEU as an observation space, dissertation about the history and founding conceptions of the project. Later, there are

records of conversations with children about how they use the spaces of the CEU Uirapuru, their games and memories. The texts seek to dialogue with authors who address children's listening in areas such as Anthropology, Pedagogy and Social Psychology when dealing with inventories and recording of memories. Poets are evoked to reflect on childhood and the importance of playing in this space that, despite being unfinished, is the stage for creations and inventions.

KEYWORDS: Listening. Backyard. CEU. Childhood. Inventory.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus pelo privilégio de ter cursado esta pós e tê-la escolhido em meio a tantas outras opções que haviam. Com certeza foi a melhor escolha e não foi ao acaso.

Minhas queridas professoras Adriana Friedmann e Josca Baroukh que com muita generosidade compartilharam tantos saberes, e se mostraram tão disponíveis durante todo o curso.

À minha orientadora Gabriela Romeu pelas referências, acompanhamento tão próximo e empatia. Obrigada por acreditar e não me deixar desistir.

Aos meus colegas de turma, por toda beleza que trouxeram aos nossos encontros poesia e encantamento.

Às arguidoras Anna Cecília Simões e Soraia Chung pela leitura atenta, por suas considerações e esforço em participar da banca mesmo diante de inúmeros imprevistos que ocorreram no dia.

Aos professores e professoras convidados que tanto ensinaram ao longo deste curso e me tocaram com suas experiências.

À Casa Tombada e seus fundadores Ângela e Giuliano por este espaço tão acolhedor que suscitou imagens tão inspiradoras que vou levar para a vida.

Às minhas avós Nena e Maria que apesar de já terem partido me deixaram a lembrança de uma infância mágica regada à muitos bolinhos de chuva, pastelão árvores, e banhos de mangueira.

À minha mãe Nena que sempre fez de tudo para que eu tivesse as oportunidades que lhe foram negadas.

Às minhas irmãs e sobrinho por compreenderem os momentos que estive ausente me dedicando às leituras e pesquisa.

Ao meu marido por todo suporte e companheirismo.

Ao meu filho Khalil, gerado durante este curso, que me trouxe novas prioridades e uma força que eu desconhecia.

À toda a minha família, pois em vocês encontro minhas raízes, minha identidade.

Às crianças que me receberam e aceitaram conversar comigo compartilhando seus quintais e memórias do CEU Uirapuru.

SUMÁRIO

Introdução	6
1. Por que o quintal?.....	9
2. Por que o CEU?.....	14
2.1. Um pouco de história	18
2.2. O CEU Uirapuru.....	22
3. Por que o inventário de memórias?.....	25
4. Por que a caixa?.....	26
5. Por que essas crianças?.....	31
6. Um CEU, muitos quintais.....	32
7. O que as crianças dizem sobre esse quintal.....	34
7.1. O quintal da Anna Clara	35
7.2. O quintal do Enzo, da Sophia e da Manuella	40
7.3. O quintal da Alícia.....	44
7.4. O quintal do Elias.....	48
8. E a conversa continua.....	51
9. Bibliografia	56
10. Anexos	59
• Transcrição das entrevistas	60

INTRODUÇÃO

Nos devaneios da criança, a imagem prevalece acima de tudo. As experiências só vêm depois. Elas vão a contra-vento de todos os devaneios de alçar vôo. A criança enxerga grande, a criança enxerga belo. O devaneio voltado para a infância nos restitui à beleza das imagens primeiras. (BACHELARD, 2009, p. 97)

Quando viajamos e conhecemos novos lugares procuramos eternizar esses momentos por meio de fotos, guardamos algum souvenir, anotamos num diário de bordo as sensações e experiências vividas.

No decorrer do curso de pós-graduação “A vez e a voz das crianças: a arte de escutar e conhecer narrativas, linguagens e culturas infantis”, viajamos por diversas áreas iniciando com um mergulho na nossa própria memória. A casa e seus aromas evocaram em nós imagens de lugares, movimentos, sabores e doces lembranças. Em cada encontro uma caixinha com um momento precioso da nossa infância e família era aberta.

A citação de Bachelard que introduz nossa conversa traduz muito dos encontros que tivemos na Casa Tombada, imagens que despertaram em nós, alunos do curso, a beleza da simplicidade dos pés descalços neste chão que parecia não ter fim: o quintal da nossa infância. Em meu caso especificamente, voltei a um lugar carregado de narrativas dos meus tempos de menina ao lado dos primos, da minha avó Nena e um mundo inteiro de aventuras que nele cabia.

Essa chave abriu meus olhos para a importância desse espaço, que não está mais na casa da minha avó, mas dentro de mim. Com ele veio também o desejo de escavar outros quintais que marcam tantas histórias, a começar pelo CEU Uirapuru, lugar onde muitas crianças brincavam e passavam o dia.

Brincavam? Sim, quando deveríamos começar nossas pesquisas de campo fomos surpreendidos pela covid-19 e com ela uma crise pandêmica que interditou praças, parques públicos, espaços que eram quintais potentes, incluindo o CEU.

Inicialmente eu desejava observar as crianças ali e acompanhá-las em suas brincadeiras enquanto elas me apresentariam seus cantos preferidos. Pensava em utilizar outra ferramenta que não fosse a fala propriamente dita, mas acompanhar suas experiências em campo e registrar essas imagens. Já havia planejado criar mini-

histórias¹ que são “breves relatos visuais e textuais” das crianças brincando e a partir dessas imagens ampliar o diálogo com os autores. No entanto, com a pandemia precisei pensar em uma nova metodologia de pesquisa, confesso que aos meus olhos era algo impossível. Não conseguia imaginar uma forma de adentrar este quintal sem a presença física das crianças nele. Como iria conhecer suas experiências sem estar com eles?

E agora? Como investigar esse quintal que por hora está indisponível? Como observar as interações e brincadeiras que lá acontecem? O próprio vínculo que eu tinha com este espaço foi interrompido devido à necessidade de distanciamento social e início do tele trabalho.

A resposta para este desafio veio em diálogos com minha orientadora Gabriela Romeu, jornalista, documentarista e escritora, especializada em produção cultural para infância e que gentilmente compartilhou comigo seu conhecimento sobre a arte de inventariar, não objetos, mas memórias e invenções das crianças em seus quintais. Seu livro intitulado “Lá no meu quintal: o brincar de meninas e meninos de Norte a Sul”, escrito em parceria com a também jornalista e pesquisadora Marlene Peret, foi uma grande inspiração para que eu repensasse este projeto. Eu não viajaria o Brasil como elas, mas poderia construir um movimento semelhante por meio de relatos das crianças.

Assim como nos encontros desta pós-graduação fui convidada a mergulhar na memória da minha infância e pude resgatar experiências que tive, ao ponto de senti-las em mim, com a ajuda da minha orientadora me empenhei em buscar as crianças que no CEU Uirapuru brincavam para compartilharem comigo o que recordam das brincadeiras e vivências que tiveram nesse lugar.

A partir dessa decisão me debrucei em buscar a melhor estratégia para não somente estar com elas, mas também permitir que suas memórias viessem à tona de forma natural, sem discursos prontos. Desejava ouvi-las e conhecer os tesouros que poderiam estar guardados.

¹ O conceito das mini-histórias surgiu nos anos oitenta, em Reggio Emília, quando Malaguzzi convida as professoras a narrar (...) por meio de sequencias de imagens, narrativas visuais suficientemente abertas para a complexidade que há nos modos que os meninos e as meninas constroem o conhecimento sobre si e sobre o mundo.” (FOCHI, 2019, p.16).

Ao longo do processo outras inquietações surgiram. Como seria possível inventariar as vivências que acontecem nesse espaço? Como estar próxima das crianças mantendo os devidos protocolos de saúde que exigiam o distanciamento social?

As conversas por aplicativos de vídeo chamada foram tomando corpo e ao longo do processo, conforme a humanidade aprendia mais sobre a COVID-19, também foi possível aventurar me visitando as crianças. O CEU não reabriu suas portas ao público do entorno em tempo de vê-las brincando lá, mas por meio dos diálogos com esses meninos e meninas que conheci, muitas lembranças foram possíveis de ser acessadas, compartilhadas e inventariadas.

Fui descobrindo uma nova forma de estarmos juntos, mesmo distantes. Ao ouvir as crianças por meio desses recursos que antes pareciam frios e vazios, meu coração foi aquecido. Pude sentir, lembrar, rir junto com elas e com certeza posso afirmar que fui tocada, afetada por suas memórias.

O termo inventariar pode nos remeter a ideia de uma listagem de bens deixados por alguém falecido e que devem ser partilhadas entre seus herdeiros, no entanto, neste contexto de pesquisa ele deve ser compreendido como uma forma inventiva de elencar, organizar e mapear os brincares no espaço observado partindo das vozes de crianças que residem em seu entorno. Suas memórias são cheias de vida e fazem parte de um patrimônio que precisa sim ser compartilhado.

Nas páginas a seguir contarei um pouco sobre meus processos ao longo do presente curso e durante as conversas com as crianças que encontrei. Esta pesquisa é um inventário das memórias que meninos e meninas do CEU Uirapuru quiseram comigo compartilhar. São suas vozes que revelam a multiplicidade de quintais e possibilidades existentes num único lugar. Seja no gramado, numa árvore, num balanço ou em uma rampa, infâncias são vividas e diferentes tesouros podem ser encontrados.

1. POR QUE O QUINTAL?

Sou hoje um caçador de achadouros da infância. Vou meio dementado e enxada às costas cavar no meu quintal vestígios dos meninos que fomos. BARROS, 2008, p. 67

Mergulhar em mim mesma trouxe imagens importantes para que eu me reconectasse com minhas origens. O cheiro do chão encerado, o sabor do pastelão que só minha avó fazia, da água do filtro de barro, as escaladas nos corredores, os pratos de mentirinha feitos com barro e ramos do pé de chuchu. Nós morávamos com minha avó paterna no mesmo terreno. Enquanto meus pais trabalhavam era com ela e neste quintal que eu vivia os mais lindos dias da minha infância.

Embora eu tenha esse espaço tão maravilhoso na minha memória, não há registros fotográficos dele. As fotos que encontrei do meu tempo de menina são da escola, lugar onde eu gostava de estar, mas que não me dava a liberdade de brincar sem hora para acabar. Brincávamos só no recreio sob o olhar das inspetoras que sempre encerravam a diversão na melhor



(Eu aos 4 anos na Educação Infantil
acervo pessoal)

parte da brincadeira. Tinha muita ordem, fila e lição. No meu quintal, na casa da minha avó Nena, eu era livre. Quando o tempo terminava eu sabia que tudo o que precisava estaria ali, no dia seguinte, me esperando para brincar novamente. Eu pensava que tudo aquilo não teria fim.

Todas essas imagens vieram em mim com tanta força nos encontros presenciais desta pós-graduação, que eu pude entender muito do porquê eu estava nela. Cheguei no curso em busca de mais conhecimento sobre a escuta de crianças. Há tempos eu estava nesse processo observando a forma como o CEU era ocupado e habitado pelos pequeninos do entorno, me encantava a possibilidade de vê-los circulando com liberdade naquele espaço e como sempre encontravam lindas maneiras de explorá-lo. Mesmo em meio à falta de estrutura, nada impedia o uso dele

pelas crianças em suas brincadeiras e constante presença para além dos horários de aula.

Ao contrário das dependências do CEU Uirapuru, meu quintal era pequeno. Num terreno dividido entre construções sempre inacabadas de 3 casas e muitas plantas, passei toda a minha infância. A primeira casa era habitada pelos meus tios e seus 4 filhos, com idades próximas, era uma verdadeira escadinha! Na segunda casa, morava minha avó e um tio solteiro. Era literalmente no centro do quintal e da nossa infância. Minha querida avó Nena, mesmo apelido que minha mãe por coincidência, cuidava de todas as crianças enquanto os pais trabalhavam. Ela não só aturava nossas peraltices, como também era nossa cúmplice em muitas empreitadas. Nos fundos, era a casa dos meus pais, apenas dois cômodos com a promessa de um dia ser concluída sua construção, fato que só se tornou real, após nós já adultas adentrarmos a maioridade e ajudarmos na conclusão deste sonho. Mas essa é outra história.

Morar entre casas que sempre estavam em processo de construção nos permitiu um quintal com tanque de areia particular, pedras, obstáculos e muitas histórias para contar.

As duas Nenas, sogra e nora, compartilhavam as mesmas paixões: a cozinha e as plantas. Isto nos garantiu uma infância cheia de sabores, aromas e uma floresta sem igual para brincar. Olhando hoje vejo como alguns canteiros com vasos e pequenos arbustos em minha memória tornavam-se gigantes. Realmente tenho lembranças de excursões no mato em meio à uma vegetação alta que na verdade não eram tão grandes assim. Meu próprio quintal hoje não é nem sombra do que foi um dia, ele deu espaço para novas construções e tios que vieram morar ali também, mas continua tão vivo em mim que às vezes, quando estou lá, ouço sons e sinto perfumes que não estão mais nele.

O poeta Manoel de Barros bem nos fala desse lugar onde o tamanho não pode ser medido com fita métrica e sim pela importância em nossas vidas:

Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. (...) A gente descobre que o tamanho das coisas há de ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade. (BARROS, 2008, p. 67)

Observar as crianças brincando e ouvi-las falar sobre suas aventuras, sempre me trouxe uma certa nostalgia. Memórias que me fazem voltar a este tempo onde as horas passavam devagar e eu andava descalça sem pressa para nada. É deste lugar de presença que eu desejava observar as interações das crianças. Olhar para fora das janelas do prédio da EMEI onde atuo, e me conectar com uma linguagem diferente da pedagogia que me permitisse ir à campo com um viés que apontasse para o extraordinário que diariamente acontecia nas dependências do CEU, mas poucos percebiam. Eu já estudava em direção às Pedagogias Participativas², mas nesta pós me aproximei de outra perspectiva de escuta, a Antropologia me trouxe mais elementos para que eu descobrisse o que realmente desejava observar. Não queria uma pesquisa escolarizada sobre o uso destes espaços, mas contemplar as múltiplas possibilidades deste lugar enquanto extensão da casa das crianças do entorno, que enquanto brincam revelam a potência e importância da existência do CEU em suas infâncias, que vai muito além das funções das instituições que ele abarca.

Não mais pelo sentir da Pedagogia, agora decidi despir-me deste lugar de docente que conhece bem os espaços escolares e estruturados, aventurei-me na posição daquela que aprecia e contempla a narrativa das crianças de outra forma, assim como afirma David Le Breton:

A experiência antropológica é uma maneira de desapegar-se das familiaridades perceptivas para recapturar outras modalidades de abordagem e sentir a multidão dos mundos que se escoram no mundo. (...) Ela quebra as rotinas de pensamento sobre o mundo, ela convoca ao despojamento dos antigos esquemas de inteligibilidade a fim de abrir um alargamento do olhar. (...) a antropologia estilhaça e arremessa para longe o ordinário das coisas.

(LE BRETON, 2016, p. 19)

Meu anseio é sair da minha lógica rotineira de ver o espaço do CEU e observar como as crianças ocupam e interagem com os espaços livres, fora das escolas que nele existem e sem estrutura pré-determinada. São espaços vazios, corredores, entradas, gramados, onde acredito que muita coisa que desconheço acontece!

Ao longo desta conversa usarei o termo quintal com frequência. Segundo o dicionário Aurélio significa “pequeno terreno, muitas vezes com jardim e com horta,

² Pedagogias participativas são abordagens educativas não transmissivas baseadas essencialmente na “criação de espaços-tempos **pedagógicos** em que as inter-relações e relações sustentam atividades e projetos que possibilitam às crianças participar da construção da própria aprendizagem...” (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2007).

atrás ou junto à uma casa.” (p. 613) descrição que se aproxima bem do espaço que eu tinha para brincar em minha infância, mas como falei no início deste texto, falar dele o faz vivo em minha memória como berço das brincadeiras e vínculos que construí quando criança. Da mesma forma quando abordo o quintal nesta presente pesquisa, penso no termo para além do significado denotativo, mas enquanto lugar afetivo onde as meninas e meninos vivem suas infâncias. Para algumas das crianças entrevistadas ele é fisicamente uma continuação de suas casas devido à proximidade entre ambos. Para outras, não é tão perto, mas é um local íntimo onde passam boa parte do dia brincando entre uma atividade e outra, é também um espaço que propicia o surgimento de amizades e experiências marcantes.

Concordo com o artista plástico e pesquisador, Adelson Murta Filho quando ele fala sobre a magia que há no quintal e que todos deveriam ter direito a um

O quintal é o território encantado da infância. É onde a criança pode experimentar o íntimo com a natureza. Todo quintal tem pé de fruta, tem árvore para subir, tem pedacinho de terra. Ali ela tem, ao mesmo tempo, a experiência de brincar sozinha, com a natureza, e também com os amigos. Eu acho que toda criança merecia ter um quintal. Deveria ser um direito previsto nos direitos da criança. (FILHO, 2010, p.34)

No entanto, penso que esse lugar pode ser uma mata, uma praça, um barranco, a rua, a casa.... Todo espaço pode ser modificado e aproveitado para a brincadeira, basta estar disponível e ao alcance das crianças. Assim como o prefácio do livro “Lá no meu quintal” anuncia que “às vezes o rio, a floresta e uma comunidade; outras a quadra do condomínio, a varanda do prédio ou o próprio quarto de uma criança” há muitos quintais pelos “Brasis” afora. (ROMEIRO e PERET, 2019, p.9)

O quintal é onde as invenções das crianças habitam e que de certa forma também as habita

O ato de habitar é o modo básico de alguém se relacionar com o mundo. É fundamentalmente um intercâmbio, uma extensão: por um lado, o habitante se acomoda no espaço e o espaço se acomoda na consciência do habitante e, por outro, esse lugar se converte em uma exteriorização e uma extensão de seu ser, tanto do ponto de vista físico quanto mental. (PALLASMAA, 2017, p.7)

Esse lugar onde partilhamos tantas narrativas habita em nós e mesmo longe dele é possível acessá-lo. Nele as crianças têm voz e se expressam livremente, longe da supervisão dos adultos ou tendo-os como parceiros de brincadeira, pois num verdadeiro quintal os mais crescidos também são convidados a brincar e ser o que desejarem. Logo, que melhor lugar para a escuta?

O quintal é onde crianças se expressam e podem ser de fato ouvidas, em seu habitat que é o berço das brincadeiras, das experiências. Digo isto, pois acredito em uma escuta para além do ouvir, mas que me conecte com estas infâncias, como explica a antropóloga Adriana Friedmann

“Escuta” do latim *auscultare*, significa “ouvir com atenção”. Escuta é presença, vínculo, conexão, respeito. Mergulho no mundo do outro: não só em sua fala, mas no olhar, no gesto, no tom, nas emoções alheias que podem nos tocar. Escutar é estar plenamente presente. Acolher o momento do outro. Adentra a paisagem do outro, conhecer e reconhecer o outro em sua singularidade, em seu momento e em seu tempo. Escutar é doar-se, entregar-se ao outro. (FRIEDMANN, 2020, p. 131).

Esta escuta genuína vem de um encontro onde os envolvidos estão disponíveis, dispostos e conectados pelo interesse em compartilhar. Somente há escuta, se há presença e entrega. É neste lugar onde as crianças de fora e de dentro de nós estão em pleno estado de presença: criando, investigando, narrando, brincando, enfim, compartilhando.

O quintal é lugar de afeto, e é afetado por quem nele habita, conforme afirma a arquiteta Rayssa Oliveira “não há espaço vazio, nem de matéria nem de significado; nem há espaço imutável” ela continua afirmando que

O chão é essa grande pele do mundo caminhável, que se estende por dimensões incalculáveis e se transforma a cada variação do espaço natural ou a cada intenção daqueles que o constroem e o habitam. Para as crianças, cada chão convida a uma invenção. (OLIVEIRA, 2021, p.105)

Brincando na terra, na areia, na grama ou até no concreto as crianças reinventam os espaços, nele deixam suas marcas e vestígios de quem são, parafraseando o poeta Manoel de Barros. O quintal é nosso chão da infância e nele há pistas sobre nós mesmos, é o lugar de onde ecoam as vozes dos meninos e meninas que fomos e onde podemos nos conectar, escutar as crianças que hoje estão diante de nós.

2. POR QUE O CEU?

Há pessoas que passam por nossas vidas de forma corriqueira, deixam sementes, despertam desejos, acendem faíscas e apesar de saírem de cena, nunca são esquecidas.

No percurso do presente curso de pós-graduação, digo presente porque de fato me sinto agraciada por ter dele feito parte e porque as experiências de cada encontro só foram possíveis devido a presença de corpo, alma e espírito dos formadores e de cada colega do grupo, nele encontrei pessoas de várias tribos e saberes.

Encontros cheios de afeto que de fato me afetaram e me fizeram retornar à um lugar único da minha memória: a meu quintal, que por conta de tantas demandas da vida “adulta” estava adormecido.

Cheguei querendo ficar quietinha, escondida... A rotina escolar de uma coordenadora pedagógica exige uma ação intensa da formadora que sempre tem algo a dizer e a problematizar. Logo, queria um momento para receber, recarregar as baterias, com sede de também sentar e aprender, tempo para processar as experiências.

Para minha surpresa ao longo dos encontros caixinhas foram sendo abertas e como o abrir de uma cebola, vi em mim muitas camadas surgindo. Descobri e construí novos hábitos, me reconectei com minha ancestralidade, com símbolos da minha infância. De forma fragmentada, como diz Ecléa Bosi em seu livro “Memória e sociedade” foram brotando memórias (BOSI, 1994).

Ao final do primeiro encontro uma colega de uma sensibilidade ímpar me disse “ouço você e me vem a imagem de um passarinho”. Tenho certeza que ela não se referia a minha voz, não canto nada. Embora me intrigasse, não pedi explicações sobre aquela afirmação. O que parecia simplesmente um gesto de gentileza ficou reverberando em mim por muito tempo e aos poucos foi se tecendo com outras experiências que vivi na Casa tombada. Lá abriu-se a caixa das memórias, das minhas avós, primos, minha infância e, principalmente, do meu quintal.

Na verdade, depois de um certo tempo me lembrei de como minha avó paterna falava quando me via correndo e me pendurando pela casa dela “essa menina parece um passarinho, quando você pensa que ela está aqui, já pulou para ali”. Foi então que

compreendi o que aquela colega de curso trouxe à tona, por alguma razão ela viu uma menina curiosa, arteira que não parava de pular e cantarolar no quintal da avó. Aquela criança que eu há tempos sentia me cutucar como se pedisse a vez de falar e eu fingia não ver. O mundo adulto e as demandas da vida enrijeceram minha sensibilidade de ouvi-la, mas uma simples frase me fez ver o quanto as escolhas em minha trajetória estão conectadas a essa figura.

Passarinho... tudo a ver com meu espaço de trabalho hoje: o CEU Uirapuru! Logo quando ingressei como coordenadora pedagógica na EMEI desta instituição, nossa supervisora reunia toda a equipe nos encontros formativos e em seu discurso procurava fazer arder em nós, gestores e educadores daquele local, a paixão por aquele espaço. “Não atuamos numa escola normal, estamos no CEU que é um lugar de alçar voos” e repetia constantemente “O CEU é para voar”.

Esta mesma pessoa que me recebeu com tanto entusiasmo se chama Anna Cecília³, mal sabia ela que anos atrás, enquanto eu era apenas uma estudante, me encantou com sua apresentação apaixonada de outro CEU no qual ela era gestora na época. Contagiada por essa visão, comecei a estagiar ali mesmo e de lá saí decidida a um dia atuar também em algum CEU desta cidade.

Dez anos depois, estava eu diante dessa pessoa mágica novamente, por ela sendo despertada mais uma vez “Aqui os educadores têm asas voam, mas principalmente, possibilitam o voo das crianças e jovens com quem trabalhamos”. Eu? Passarinho? Coincidência?

Também carinhosamente falava dos “filhos do CEU⁴”, crianças que frequentemente circulavam pelos espaços da instituição, indo e vindo com autonomia ou com suas famílias, se encaixando nas atividades que lá acontecem ao longo do dia ou simplesmente estando ali, brincando, observando, conversando. O CEU é uma extensão de suas casas, que gradualmente passei a ver como quintal delas. Não digo quintal enquanto espaço físico, mas enquanto conceito afetivo onde as crianças brincam, criam, estabelecem vínculos e constroem memórias.

³ Anna Cecília Koebecke de Magalhães Couto Simões, ex-gestora do CEU Butantã e naquele momento supervisora do CEU Uirapuru.

⁴ Filhos do CEU: expressão cunhada por Márcia Dias ex-gestora do CEU Uirapuru referindo-se às crianças que passavam o dia utilizando os espaços da Instituição.

Quando soube que havia conseguido me remover para o tão sonhado CEU fui visitá-lo, era um dia de feriado e me admirei ao ver tantas crianças e famílias utilizando o espaço. Não acontecia nenhum evento específico, a piscina estava interditada, mas ainda assim, muita gente circulando. Passei pelos seguranças sem ser barrada, conheci todas as áreas, exceto as escolas que estavam fechadas. Havia jovens dançando, tocando violão, jogando basquete ou praticando outros esportes no ginásio e crianças, muitas por sinal! As crianças rolavam na grama, brincavam num parque, subiam nas árvores, corriam... Meu marido logo observou “tudo cinza, nem parece escola de criança”. Sim, ele tinha razão, a estrutura precisava de muitos reparos, manutenção e cores, mas ver toda aquela agitação e diversidade nas formas de ocupação encheram meu coração de alegria.

Depois de quatro anos atuando nesta instituição, ainda me pego espiando pela janela as crianças brincando e tinha o desejo de parar meus afazeres para olhar devagar, auscultar o que dizem sobre estar lá. Que importância tem esse lugar para elas? O que gostam de fazer lá? Como veem este espaço?

A simpatia, que é uma afinidade pré-categorial do sujeito com o seu objeto, traz em si, já uma intuição de ordem superior, que começa com a negação do óbvio e do já visto.

Ela pode se formar através de um trabalho sobre o mundo, de uma negação do dado imediato, que recebe sua recompensa quando já não descrevemos nem classificamos, mas habitamos as coisas do mundo. (BOSI, 2003, p. 116)

O desejo de ouvir mais sobre as vivências que ali acontecem vem não somente de uma afinidade com o projeto dos CEUs e interesse pelas infâncias, mas também pela necessidade em conhecer esta história sob uma ótica outra, a das crianças. Não expressa nos livros e documentos oficiais da instituição, mas tão genuína quanto.

Nas dependências do CEU Uirapuru há fatores que possibilitam a recriação do espaço, e elementos que enriquecem as possibilidades de narrativa

“No quintal, quão mais diversas as materialidades, as possibilidades de recriação do espaço, as diversidades étnicas, sociais, culturais e etárias, mais ricas as experiências e, conseqüentemente, as possibilidades de criação narrativa. É mais do que um quintal sem quinas e sem pontas, afogado, colorido e acabado, a criança precisa de um espaço com desafios na topografia, com coisas por elaborar ou terminar, com fazeres desprezados de utilitarismos. Na infância (e por toda a vida?), o desejo é o de construir o mundo, contar suas histórias no mundo (a começar pelo próprio quintal).” (ROMEY, 2020)

Logo meu olhar curioso começou a buscar estas diferentes narrativas das crianças que lá encontram seus desafios, constroem laços de amizade e de afeto.

Que lugar melhor que uma construção inacabada para criar novas formas de brincar, histórias a se contar e mundos para encontrar. Neste lugar, crianças de várias idades, culturas, classes sociais e etnias vivem suas infâncias criando diferentes contextos e narrativas. Um CEU não inaugurado oficialmente, mas que se renova a cada invenção das crianças.

A dinâmica da pós e essas “coincidências” simbólicas cheias de afeto me fizeram tomar coragem de parar e me debruçar para observar melhor essas crianças, os filhos do CEU em seu imenso quintal.

Em seu inspirador texto intitulado e endereçado “Às crianças de todos os cantos”, Adriana Friedmann, pede licença para espiar a vida das crianças e conhecê-las melhor.

Agora, queremos caminhar para oferecer a vocês mais tempo, espaços, ouvidos atentos, olhos de ver e nossa inteira presença para, com muito vagar, vocês nos guiarem pelos seus mundos e, a partir das suas vozes e expressões, nos darem a oportunidade de nos deixar levar por vocês para aprender o que cada uma tem a nos contar e a nos ensinar. (FRIEDMANN, 2020, p.14)

Eu não havia pedido licença quando cheguei no CEU há anos atrás. Mas ao longo do curso aprendi o quanto é importante a transparência e consentimento num processo de escuta de crianças. Antes de cada conversa registrada nesta pesquisa pedi a devida autorização para os meninos e meninas que me receberam. Inclusive todas elas assinaram juntamente com seus responsáveis, consentindo que eu compartilhasse o que aprendi com elas.

3. UM POUCO DE HISTÓRIA

Os Centros Educacionais Unificados (CEUs) começaram a ser construídos em 2002⁵ pela Prefeitura Municipal de São Paulo, na gestão da Marta Suplicy (PT). Segundo Perez e Dória, ele é um projeto intersecretarial fruto de experiências educacionais acumuladas em diferentes momentos históricos, desde a ideia de

(...) escola aberta de Paulo Freire, os projetos dos Parques infantis, que Mário de Andrade criou em São Paulo nos anos 30, a Escola Parque, que o educador Anísio Teixeira criou na Bahia dos anos 50. Onde as pessoas aprenderam a conviver com espaços públicos integrados. (PEREZ E DÓRIA, 2007, p. 131)

Ou seja, os CEUs foram inspirados por projetos históricos que buscavam ações integradas entre educação, sociedade e cultura. Foram projetados não como simples escolas ou espaços culturais/esportivos. A ideia original buscava a quebra de paradigmas, ao contrário de espaços pensados para os adultos, os CEUs são espaços de convivência pensados também para crianças e adolescentes.

No livro Educação CEU e Cidade, as autoras relatam sobre a elaboração do projeto construído após “discussões entre dirigentes, educadores, especialistas e lideranças comunitárias, enfim por todos aqueles que são responsáveis pela gestão da educação no Município”. Cada detalhe de sua concepção até sua implementação foi pensado por muitas cabeças. Não se trata apenas de um equipamento de serviços públicos inovador para a época, mas também uma nova concepção educacional e arquitetônica com o objetivo de trazer à periferia da cidade qualidade de vida.

(...) o desenho do CEU vem atender à necessidade de criar pólos estruturadores da cidade, justamente, onde ela se encontra mais desestruturada: no seu cinturão periférico, naquele anel em que a cidade não se constituiu porque o que constitui uma cidade é o tripé infraestrutura (abastecimento de água, drenagem urbana, luz, transporte, comunicação, etc.) equipamentos públicos e habitação, um tripé que só se forma com planejamento. (PEREZ E DÓRIA, 2007, p. 132)

Gadotti e Perez também apontam as regiões periféricas como alvo das ações de implementação dos CEUs e sua importância local.

Os Centros Educacionais Unificados foram construídos em locais onde o Mapa da Exclusão/Inclusão Social”, desenvolvido pela Prof.a. Aldaíza

⁵ Alguns livros consultados indicam como data para a criação dos CEUs em 2003, no entanto, a Secretaria Municipal de Educação aponta o ano de 2002. Maiores informações em <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/centroseducacionaisunificados/>

Sposati, mostrava pouca ou nenhuma presença do poder público, alta concentração de pobreza, locais onde não existiam equipamentos públicos de lazer, principalmente para os jovens. (PEREZ E GADOTTI, 2004, p.16)

Uma proposta para além da estrutura escolar, mas um lugar de inovação e experimentação, aliando a cultura, esporte, lazer, educação, entre outros serviços como instrumento de mobilização e transformação social.

A preocupação com os espaços físicos adequados se aliava à ideia de fortalecer a escola pública, associando-a ao desenvolvimento comunitário. Por isso, era prioridade localizar os CEUs nas áreas periféricas e mais pobres da cidade. (...) O projeto dos CEUs foi concebido, desde sua origem, como uma proposta intersetorial, somando a atuação de diversas áreas, como: meio ambiente, educação, emprego e renda, participação popular, desenvolvimento local, saúde, cultura, esporte e lazer. Os CEUs inspiram-se na concepção de equipamento urbano agregador da comunidade, com uma visão de educação que transcende a sala de aula e o espaço escolar. (PEREZ e GADOTTI, 2004, p. 15)

Atualmente a cidade de São Paulo conta com 58 CEUs espalhados por várias regiões periféricas⁶. São pólos equipados com escolas, telecentro, biblioteca, piscina, anfiteatro, parques, ginásios poliesportivos que contam com atividades diversas para todas as faixas etárias, mas com foco nas crianças e adolescentes. Espetáculos culturais são levados até às comunidades por meio dos CEUs, bem como diversas programações que se estendem ao longo do ano todo. São equipamentos públicos abertos diariamente, inclusive nos feriados, fechando apenas nos dias 24, 25, 31 de dezembro e 01 de janeiro.

Dizer que a criação dos CEUs foi inspirada iniciativas como os Parques Infantis de Mário de Andrade, significa que ele faz parte de um projeto governamental de educação não escolar para as crianças onde elas têm garantido seu direito de brincar, viver a “infância”, local onde os filhos dos trabalhadores podem “brincar, ser educados e cuidados, além de conviver com a natureza. Nesses parques as crianças movimentavam-se em grandes espaços (e não em salas de aula) e conviviam com a diversidade da cultura nacional”. Segundo Ana Lúcia Goulart Faria os Parques Infantis⁷ são considerados o início da Rede Municipal de Educação Infantil na Cidade de São Paulo, embora não escolar. Por meio dos Parques Infantis as crianças, filhos

⁶ Maiores informações em <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/centroseducacionaisunificados/enderecos/>

⁷ Ana Lúcia Goulart de Faria, “A contribuição dos parques Infantis de Mário de Andrade para a construção de um Pedagogia da Educação Infantil”, Revista Educação e Sociedade. UNICAMP, 1999.

e filhas de operários passaram a “ter garantido o direito à infância, ou seja, o direito de não trabalhar”. Com a ideia inicial de uma praça de equipamentos públicos os arquitetos do Edif⁸ planejaram um

Espaço público legítimo que a gente vê nas cidades do interior, aquele no qual uma criança pode circular livremente, onde há o footing dos adolescentes, onde as pessoas se reúnem para discutir as questões da cidade, do bairro, agora está sendo resgatado nos CEUs. (Alexandre Delijaicov, Arquiteto do Edif em PEREZ E DÓRIA, 2007, p.37)

Ou seja, desde o projeto embrionário a criança e seu direito a infância foram pensados na estruturação e implementação do CEU. Segundo as autoras o prédio foi feito de “*blocos pré-moldados*” pensado propositalmente para provocar indagações de meninos e meninas que ficariam curiosos em saber “*como aquelas estruturas se encaixam*”. Como um verdadeiro “*brinquedo, num jogo de blocos de montar*” (PEREZ E DÓRIA, 2007, p.140).

As autoras continuam relatando que até mesmo as cores foram pensadas de forma poética e consideraram a fase da Infância “*O amarelo dos CEIs⁹ representa a gema do ovo, o início, a criança que está começando a construir seu imaginário. (...) os avarandados são pintados de vermelho, representando a circulação do sangue no corpo humano e a paixão que se deve ter pelo conhecimento (...)*” (PEREZ E DÓRIA, 2007, p.141)

Embasados no conceito de Cidade Educadora¹⁰, que busca oferecer alternativas para integrar as atividades sociais e culturais de forma a privilegiar a formação, promoção e o desenvolvimento dos cidadãos, especialmente dos jovens e das crianças. A equipe de arquitetura recebeu ricas contribuições de Ana Beatriz Goulart de Faria que trouxe para a discussão o olhar da Pedagogia para a implementação dos equipamentos e mobiliário. Os arquitetos haviam colocado grades separando os espaços, pois não tinham a “*visão de que o relacionamento entre as pessoas de diversas idades é fundamental para o processo educativo (...)*.” Esta era uma concepção que causava polêmica na época e que continua atualmente entre os profissionais que atuam no CEU. “*(...) alguns educadores também têm medo de que*

⁸ Departamento de Edificações da Secretaria de Serviços e Obra da Prefeitura

⁹ CEI: Centro de Educação Infantil

¹⁰ Porta do MEC: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9272-apresentacoes-rede-brasileira-cidades-educadoras-pdf&category_slug=outubro-2011-pdf&Itemid=30192

as crianças menores fiquem próximas dos maiores, têm medo de que saiam de perto deles, quando o que se propõe é que elas saiam mesmo.” (PEREZ E DÓRIA, 2007, p. 145)

Essa liberdade de ir e vir deveria propiciar as crianças a apropriação nas múltiplas áreas livres dos CEUs chamadas no projeto original de “espaços de crescimento a céu aberto” e realmente uma proposta inovadora até mesmo quando falamos no planejamento dos brinquedos *“A proposta da atual administração é justamente colocar a criança em contato com o mundo real. Agora se este mundo não tem espaços para a criança, nós vamos criar”*.¹¹

Como o grupo de trabalho inicial do projeto visitou as comunidades antes discutindo a implementação dos futuros centros, havia a ciência da população que cobrou os gestores que sucederam a administração do PT acerca da construção das outras unidades. Ou seja, a continuidade da proposta foi uma conquista do povo. Com as mudanças na administração Municipal de São Paulo ao longo destes dezoito anos de implementação dos CEUs, muito se perdeu da concepção original que precisa ser constantemente revisitada por aqueles que atuam na gestão destas unidades. No entanto, as crianças que lá circulam e convivem diariamente demarcam seu espaço e se fazem ouvir quando ocupam as áreas livres, dentro e fora dos horários formais de aula enchendo cada canto de vida e reinventando o brincar em cada um deles.

¹¹ Depoimento de Ana Beatriz Goulart Faria (PEREZ e DÓRIA, 2007, p. 146)

3.1. O CEU UIRAPURU

Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em vôo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar.

(ALVES, 2002, p. 29)

O Centro Educacional Unificado UIRAPURU, localizado na rua Nazir Miguel, 849 no bairro Jardim Paulo VI, próximo à Rodovia Raposo Tavares, sendo fronteira com os Municípios de Taboão da Serra e Osasco. Apesar de sua criação legal por meio do decreto nº49.510, de 20 de maio de 2008, DOC de 21/05/2008, teve seu início das atividades ao público em 2009. Sua construção deu-se na gestão do então prefeito Gilberto Kassab (DEM).

Assim como a ideia original do projeto, citada anteriormente, o CEU Uirapuru localiza-se numa região periférica, sendo um dos principais locais de lazer da comunidade local. No espaço onde antes havia um terreno baldio já utilizado pelos moradores como ponto de encontro, lugar de jogos e brincadeiras. Segundo o boletim da Subprefeitura do Butantã que na época anunciava sua breve construção, havia uma grande expectativa em relação a chegada dessa nova infraestrutura.

“Será um benefício a toda a população. As crianças aguardam com grande expectativa”, afirma Cristiano Farias, presidente da Associação de Bairros”. (BALLA e GANEM, 2007, p.1)

Com ele havia também a promessa de implementação do parque linear, a ser construído às margens do Córrego Nascente do Sapê, localizado bem ao lado do CEU,

“A próxima etapa é a instalação do parque linear, com o plantio de árvores e plantas e a colocação de bancos e brinquedos para as crianças. Os parques lineares são importantes não só porque são espaços de lazer para a comunidade, mas também porque aumentam a área verde da cidade e protegem os córregos. Eles melhoram a permeabilidade do solo e evitam as enchentes na época das chuvas” (CALDEIRA e GANEM, 2009, p.2)

De fato, moradores relatam que esperavam muito pela construção do CEU Uirapuru, devido a promessa de inovação que o projeto trazia e todos os benefícios que com ele viriam para a região. Inclusive, foi fruto de reivindicações da população local que buscava a concretização do projeto já anunciado pela gestão anterior de Marta Suplicy (PT). No entanto, houve muita frustração em sua entrega, pois o equipamento começou a atender ao público sem ser oficialmente inaugurado e com

muitas estruturas inacabadas. O parque linear até hoje é motivo de luta dos moradores e lideranças locais. Ainda assim, a população utiliza ao máximo tudo o que o CEU oferece, inclusive em janeiro e julho, quando há grande procura pelas atividades do Recreio nas Férias¹².

Além das três escolas que nele existem e que juntas atendem crianças e jovens, da Educação Infantil ao Ensino Fundamental II (CEI, EMEI e EMEF), o espaço conta com teatro, quadras poliesportivas, piscinas, atividades culturais e esportivas para pessoas de todas as idades. Instituições do entorno como postos de saúde, associações e lideranças comunitárias também utilizam o espaço para reuniões e ações com os moradores. Campanhas de vacinação, acompanhamento terapêutico, caminhadas, cursinho popular (iniciativa de jovens do entorno), exposições temporárias, rodas literárias, saraus e uma longa lista de atividades acontecem frequentemente¹³.



(Acervo da EMEI do CEU Uirapuru)

Apesar da relação com o lugar físico do CEU ter mudado por conta das novas construções e institucionalização no uso de alguns espaços, por se tratar de uma obra que foi entregue inacabada a população, ainda há grande participação e reinvenção desses espaços pela comunidade.

¹² Recreio nas Férias é um projeto da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo que acontece nos meses de janeiro e julho oferecendo atividades recreativas e culturais às crianças e jovens de 4 à 14 anos inscritos e que residem no entorno dos pólos espalhados pela cidade. Maiores informações em <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/noticias/20-mil-criancas-participam-do-programa-recreio-nas-ferias-da-prefeitura-de-sao-paulo/>

¹³ Maiores informações sobre a programação do CEU Uirapuru em <https://www.facebook.com/ceu.uirapuru.9> e <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/noticias/ceu-uirapuru-informacoes-gerais/>

Seus portões ficam abertos¹⁴ e servem de passagem às pessoas que precisam atravessar de um lado a outro da região. Este fato é o motivo da comunidade ter livre acesso aos espaços do CEU, crianças e adultos transitam diariamente no entorno e dentro dele. É literalmente uma escola aberta, que não tem gaiolas e dá asas aos que lá frequentam devido a esta liberdade e à diversidade de encontros que ela promove entre pessoas de todas as idades, classes sociais, gênero, etnia, e toda a multiplicidade existente na região do Jardim Paulo VI, onde localiza-se esta instituição.

Há também meninos e meninas que passam grande parte de seu dia circulando entre as atividades propostas, escolas, aulas extracurriculares, dança, esporte, parque, entre outras. Algumas frequentam acompanhadas por suas famílias e outras sozinhas, devido à grande proximidade de suas residências e liberdade de circulação pelas dependências do CEU.

Por eu já atuar como Coordenadora Pedagógica na EMEI do CEU Uirapuru e espiar pela janela o movimento livre da comunidade dentro da unidade, cresceu meu interesse em saber mais sobre esta relação, em especial das crianças com este lugar de encontro e de brincadeiras.

O Regimento oficial dos CEUs¹⁵ nos conta a que se destinam os espaços que no CEU existem, mas o que pensam as crianças que ali brincam e convivem o dia todo? Como inventam e reinventam os cantos imperceptíveis aos olhos adultos? Que relação estabelecem com essas estruturas? Que significado esse lugar tem para elas?

Foram estas perguntas que me fizeram desejar adentrar a memórias das crianças que lá tem seu quintal e nele vivem parte de suas infâncias.

¹⁴ Este era o cenário antes da pandemia. Atualmente os portões permanecem fechados e abrem apenas para funcionários, prestadores e alunos das escolas nele existentes.

¹⁵ Regimento Único dos CEUs estabelecido pelo decreto nº 57.478, de 28 de novembro de 2016, disponível em <https://www.imprensaoficial.com.br/Certificacao/GatewayCertificaPDF.aspx?notarizacaoID=bf86c095-b79e-4406-bfe0-d6a0633ca009>

4. POR QUE O INVENTÁRIO DE MEMÓRIAS?

Lavar um inventário, judicialmente ou aqui, em se tratando de literatura, pressupõe partilhas. Nesse caso, há urgência de que seja feito um inventário dos chãos dos Brasis, sejam os assemelhados aos meus, onde foram forjadas as heranças do meu avô ferreiro e contador de histórias, sejam os de massapés onde palavras pausam o pula cordas, o pique-esconde, as seis marias e redimensionam os gestos; sejam os chãos líquidos dos igarapés, onde os pés curumins experimentam a frágil e ameaçada sustentável leveza de ser (Obrigado pelo mote, Milan Kundera); sejam os do asfalto, onde os malabaristas nos sinais vermelhos mantêm olhos e gestos aéreos como se, naqueles três minutos, lhes fosse possível (e é!), tirar os pés do chão e ganhar o céu! (DÉLCIO TEOBALDO, 2019)

Quando tudo estava encaminhado para as pesquisas de campo e observação das crianças brincando nos mais variados espaços do CEU, fomos surpreendidos pelo fechamento da unidade devido a fase vermelha da pandemia Covid-19. Inicialmente decidi esperar o tempo passar acreditando que seria algo passageiro, que em breve todos estariam devidamente vacinados e poderíamos retomar nossas vidas. Infelizmente o processo de vacinação e reabertura das instituições aconteceu vagorosamente impossibilitando a ida à campo.

Buscamos outras estratégias de acessar as experiências das crianças, uma vez que por tempo indeterminado não poderiam entrar nas dependências do CEU. Neste conflito entre meu desejo de pesquisar os quintais e impossibilidade de estar neles, fui apresentada ao inventário de memórias pela minha orientadora, Gabriela Romeu, como uma abordagem possível. Ao longo de nossas conversas e leituras, compreendi que o conceito de inventariar é muito mais amplo, sendo um dos recursos encontrados que melhor se adequa a ideia de reunir as vivências. Conheci a poeta mineira, escritora e pesquisadora Maria Esther Maciel que nos apresenta o princípio de um inventário que para além do fato de ser um instrumento onde relacionam-se os bens deixados por uma pessoa falecida, nos aponta em sua raiz semântica a possibilidade de criação:

É precisamente enquanto combinatória desses sentidos possíveis da palavra que se pode falar de uma “poética do inventário” na poesia de Carlos Drummond de Andrade, visto que ela se presta tanto ao gesto taxonômico de inventariar coisas quanto o de inventar formas poéticas alternativas, híbridas a partir de suas inúmeras listas, catálogos, recenseamentos e enumerações. E mais: de reinventar ironicamente os dispositivos institucionalizados de

classificação, evidenciando que os sistemas de organização das coisas e do conhecimento. (MACIEL, 2009, p. 70)

Em seguida a autora também enfatiza o uso deste termo como forma de reunir lembranças e eternizá-las

Soma-se ainda a esse exercício irônico que Drummond faz das classificações um outro gesto taxonômico, de ordem um tanto distinta: o de registrar/catalogar as coisas e lembranças do passado, conferindo-lhes o papel de “testemunhos” (aqui, no sentido arqueológico do termo) de um tempo irrecuperável, de modo a fazê-las durar, como diria Jorge Luis Borges, ‘para além do nosso esquecimento’. Isso confere a muitos inventários drummondianos também um traço afetivo, dado que eles acabam por compor uma espécie de narrativa íntima da história do próprio poeta (...). (MACIEL, 2009, p. 71)

Como construir um inventário com crianças? Será que elas conseguiriam acessar suas memórias corporais e expressar oralmente sobre suas vivências neste quintal?

Ecléa Bosi, quando fala sobre como a lembrança impregna as representações, comenta sobre os efeitos desta no corpo e percepções dos indivíduos “*Começa-se a atribuir à memória uma função decisiva na existência, já que ela permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no curso atual das representações.*” (BOSI, 2003, p. 36)

Logo, seria possível acessar lembranças e conseqüentemente sensações corporais, como também compreender o que determinado lugar representa para as crianças no momento atual. Bastava encontrar a forma certa de abordagem.

Segundo a autora é comum o registro de memórias em cerâmicas, desenhos e que inclusive artistas como George A. Goldschmidt retrataram momentos históricos importantes com cenas em telas que “desejavam acima de tudo dar para a humanidade um testemunho do que fora a vida no gueto.” (BOSI, 2003, p. 99) Ou seja, o desenho também seria uma forma de registro de memórias.

Seguindo essa premissa busquei conversar com as crianças a fim de vasculhar suas memórias utilizando como aportes fotos, elementos naturais existentes no CEU (pedrinhas, barro, folhas e gravetos) que as ajudariam a recordar momentos lá vividos. Após nossas conversas elas desenhavam a memória mais marcante que tinham deste quintal, sendo assim, o que as palavras talvez não conseguissem expressar, os olhares, reações e seus desenhos poderiam revelar.

Iniciei esse capítulo com a citação de Délcio Teobaldo, escritor e jornalista falando da necessidade de inventariarmos os chãos onde brincam as crianças brasileiras, mostrando a riqueza e encantamento existentes em cada um deles. É uma alegria poder contribuir com minha pesquisa registrando aqui as memórias de meninos e meninas da periferia de São Paulo. Dessa maneira, com relatos frutos de conversas realizadas pessoalmente ou via aplicativo de vídeo e desenhos, fui inventariando essas memórias de brincadeiras e testemunhos das crianças sobre seu chão: o quintal do CEU Uirapuru.

5. POR QUE A CAIXA?

“Então, Guilherme Augusto voltou para casa para procurar memórias para Dona Antônia, já que ela havia perdido as suas. Ele procurou uma antiga caixa de sapato cheia de conchas, guardadas há muito tempo, e colocou-as com cuidado numa cesta.

Ele achou a marionete, que sempre fizera todo mundo rir, e colocou-a na cesta também.

Ele lembrou-se, com tristeza, da medalha que seu avô lhe tinha dado e colocou-a delicadamente ao lado das conchas. (...)

Aí, Guilherme Augusto foi visitar Dona Antônia e deu a ela, uma por uma, cada coisa de sua cesta.

Que criança adorável que me traz essas coisas maravilhosas, pensou Dona Antônia.

E então ela começou a se lembrar...”

(FOX, 2002, p.23-25)

Depois de tanto tempo sem pisar no CEU, devido a necessidade de tele trabalho na pandemia, minhas lembranças e até mesmo meu vínculo com o lugar, não eram mais os mesmos. Acreditava que se para uma adulta como eu, que passava grande parte do dia imersa ali, foi difícil me reconectar com ele, também não seria fácil para as crianças que devido o passar dos meses sem ter acesso à instituição, com certeza já havia construído laços com outros quintais que agora estavam ao seu alcance: a casa, a rua, a pequena praça, entre tantas possibilidades. A primeira criança que conversei validou esta constatação, nosso diálogo foi breve e senti falta de mais elementos para ajudá-la a recordar das experiências vividas no CEU Uirapuru.



Após as leituras e pesquisa sobre memória, revisei uma obra da literatura infantil muito utilizada em minha trajetória enquanto professora “Guilherme Augusto Araújo Fernandes de Mem Fox. O livro nos conta sobre uma tocante amizade entre um menino e uma senhora idosa que estava perdendo a memória. Com a ajuda de

elementos significativos que a criança reuniu numa cesta, as lembranças da infância vão voltando cheias de afeto. Inspirada nesta história comecei a vasculhar meus arquivos a fim de reencontrar fios que me reconectassem com o CEU: fotos, vídeos e anotações. Esse processo foi fundamental para que as entrevistas seguintes fossem possíveis! A cada foto sensações e imagens da minha própria memória foram voltando com tanta força que pude então retomar o fôlego prosseguir com a pesquisa.

Por uma série de questões até cogitei que esta caixa de memórias fosse apenas virtual, a principal delas foi decidir continuar com as conversas on-line por aplicativos de celular. No entanto, senti a necessidade de elementos palpáveis que materializassem o espaço que agora estava tão vazio. Construí uma caixa com fotos e pedacinhos do CEU para me sentir próxima dele e ajudar as crianças a também se reconectarem com o que lá viveram. Escolhi fotografias do cotidiano da instituição com crianças brincando e circulando pelos espaços diversos, recolhi também pedras, areia, folhas, gravetos e pequenos itens do próprio lugar. Ir até lá novamente e poder circular, caçar meus tesouros, foi também uma ação de reconstrução deste vínculo e me ajudou a conversar com as crianças regada de um grande afeto pelo CEU.



Ecléa Bosi fala desta conexão com os espaços da cidade e o sentimento de pertencimento advindo das vivências neles

Dentro da biografia há alguns momentos privilegiados: o nascimento, as crises da juventude, a formatura, o casamento, a chegada ou perda de pessoas amadas... e há espaços privilegiados: a casa da infância, os trajetos do bairro, recantos da cidade, lugares inseparáveis dos eventos que neles ocorreram. A cidade possui alguns focos sugestivos que amparam nossa identidade, percepção e memória. (BOSI, 2003, p. 114)

Buscar elementos de nossos quintais nos reconecta com o passado, mas o simples ato de revisitá-los já desperta em nós imagens significativas. Segundo Le Breton em *Antropologia dos sentidos*,

Um som, um sabor, uma visão, uma paisagem, um perfume, um contato corporal, desdobram o sentimento da presença e ativam uma consciência de si um pouco adormecida ao longo do dia, a não ser quando incessantemente atentos aos dados do entorno. O mundo em que nos movemos existe através da carne que vai ao seu encontro. (LE BRETON, 2016, p.12)

Acredito que a caixa foi um disparador que facilitou o diálogo com as crianças, mas que também provocou nossos sentidos fazendo aflorar sensações, sons e memórias que estavam adormecidas. Assim como o filósofo Severino Antônio e a professora Kátia Tavares afirmam em sua obra *A poética da infância*,

A criança pensa por imagens, principalmente por comparações e por metáforas. Descobre e estabelece semelhanças entre as coisas, desde os fenômenos da natureza às experiências da convivência com as outras crianças e os adultos. (ANTÔNIO e TAVARES, 2019, p.38)

Desta maneira parti com a caixa para visitar virtualmente estas crianças que tanto têm a dizer.

6. POR QUE ESSAS CRIANÇAS?

Creio que a memória da maioria dos homens guarda estampada os dias de meninice mais do que geralmente se acredita, assim como creio na faculdade de observação, sempre muito desenvolvida e exata das crianças. (ECLÉA BOSI, 2003, p.116 citando David Copperfield)

As crianças entrevistadas têm uma relação muito próxima com o CEU Uirapuru, todas já estiveram matriculadas nas escolas que existem nele, residem no entorno e ficavam grande parte do dia ou da semana circulando por suas dependências. Algumas acompanhavam seus responsáveis em atividades diversas e enquanto aguardavam, brincavam nos espaços da instituição.

Carinhosamente são conhecidas como Filhos do CEU, por estarem constantemente lá, mesmo não sendo horário de aula e, em muitos casos, não estudarem mais ali. Isto nos leva a pensar sobre como esta presença está intimamente ligada às possibilidades que o espaço oferece à região: acessibilidade, lazer, cultura, entretenimento, entre outros serviços. Mas sobretudo, a importância do mesmo para as diferentes infâncias que são vividas neste local.

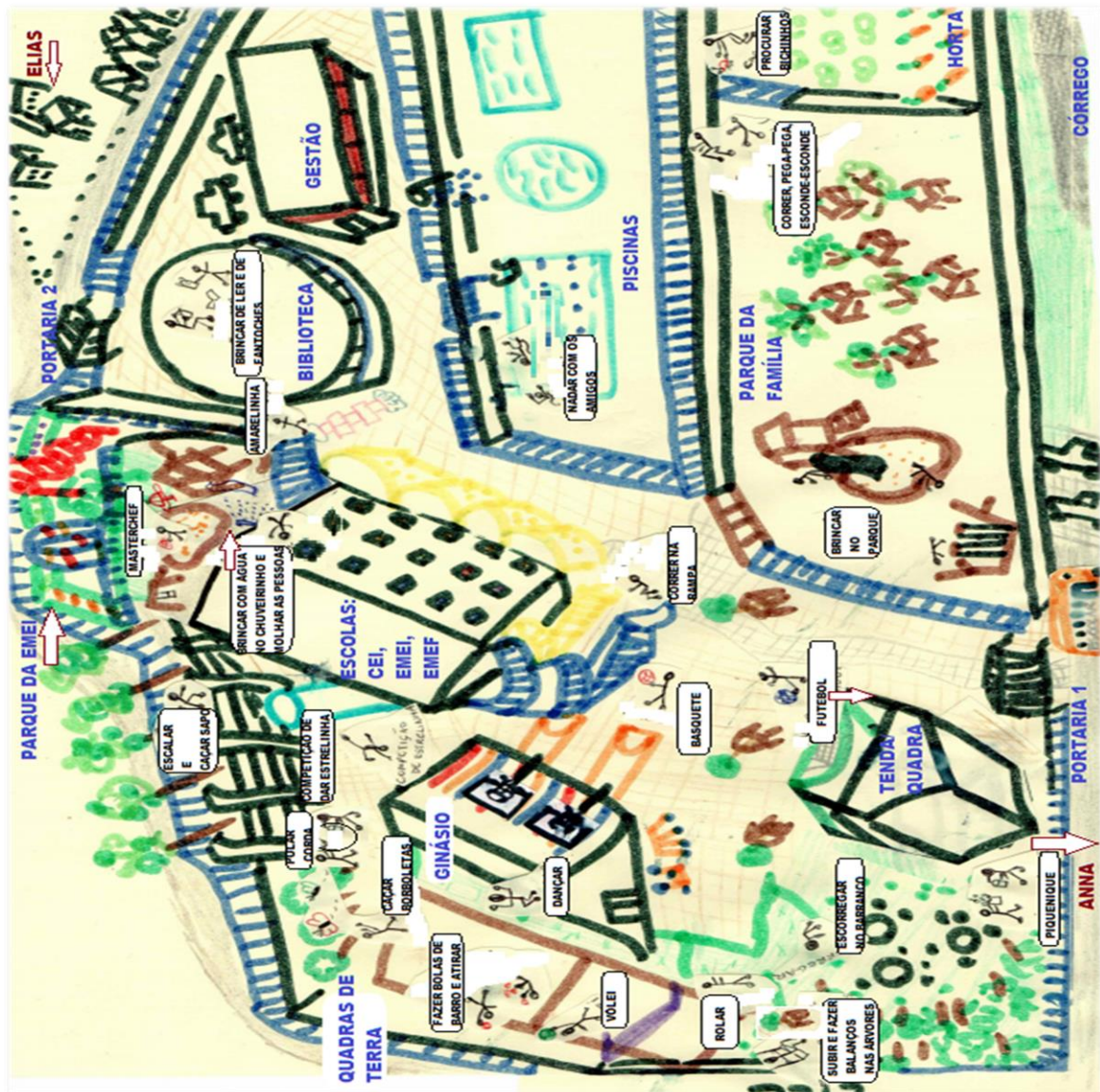
São crianças que têm muito conhecimento acerca dos espaços e das brincadeiras que lá acontecem. Algumas talvez não saibam descrever todos os espaços, pois dentro desse imenso quintal, elas têm a possibilidade de escolher um canto preferido para ficar. Mas perguntar o que sabem e ouvir delas como acontece o brincar dentro neste lugar é a proposta da presente pesquisa. “(...) *mergulhar em suas brincadeiras possibilita descobrir quem são essas crianças e o que elas nos dizem por intermédio das suas falas lúdicas e do seu imaginário.*” (FRIEDMANN, 2013, p.65)

7. UM CEU, MUITOS QUINTAIS...

Na geografia do brincar há um espaço natural de ser criança. Nesse espaço, a criança se reconhece, descobre, compreende e elabora seu mundo interno e externo através da fantasia, da experimentação e no criar e recriar sentido.





























(ANTÔNIO, 2019, p.61)

MAPA DO QUINTAL¹⁶



¹⁶ Este mapa foi elaborado com as descrições de brincadeiras feitas pelas crianças nos espaços do CEU. Este registro foi inspirado pelos mapas apresentados no livro *Lá no meu quintal* de Gabriela Romeu e Marlene Peret, 2019.

FOTOS¹⁷

 <p>PAREDÃO</p> 	 <p>PORTARIA 1</p> 	 <p>TENDA E CANTEIRO DE ÁRVORES</p> 	 <p>PARQUE DA FAMÍLIA</p> 
 <p>BASQUETE E AMARELINHA</p> 	 <p>RAMPAS</p> 	 <p>GINÁSIO</p> 	 <p>PISCINAS</p> 
 <p>QUADRINHA DE TERRA e BARRANCO</p> 	 <p>PORTARIA 2</p> 	 <p>MESINHAS E TENDA</p> 	 <p>BIBLIOTECA</p> 
 <p>EQUIPAMENTOS DE GINÁSTICA</p>		 <p>HORTA</p>	

¹⁷ Aproxime a câmera do celular aos QR Codes e ouça as vozes das crianças comentando sobre eles.

8. O QUE AS CRIANÇAS DIZEM SOBRE ESSE QUINTAL?

Que as crianças me deem licença
 De poetizar suas vidas
 De trazer para a minha
 Seus dizeres, suas pérolas.
 Que são tantas, tão profundas,
 Muitas perdidas, esquecidas.
 Tantas vezes ditas,
 De tão diversas maneiras,
 A maior parte ignoradas,
 Algumas quiçá enxergadas.
 As trago para frente do palco da vida,
 Para que possam ser sentidas,
 Para que possam ser partilhadas.
 Para que possam ser integradas...
 Às nossas vidas.
 Que as crianças me deem licença.
 (FRIEDMANN, 2013, p. 85)

Trazendo para a conversa minha querida professora e antropóloga Adriana Friedmann, que por meio de sua poesia abriu de forma tão respeitosa e encantadora seu capítulo “Dizeres das crianças”, tomo emprestadas as suas palavras. Tantas decisões são tomadas numa instituição como o CEU, sem que as crianças, as maiores interessadas, sejam consultadas. Com certeza a intenção de cada melhoria é pensando em prover serviços de qualidade ao público que o frequenta, mas ouvir as crianças, pode nos trazer muitas pistas de como esses espaços podem ser potencializados e melhor aproveitados.

Como as crianças pensam e se apropriam deste quintal? Que histórias são nele vividas diariamente, mas passam despercebidas ao olhar dos adultos? Qual o significado deste espaço para as crianças que residem no do Jardim Paulo VI?

Com a palavra: nossas crianças!

8.1. O QUINTAL DA ANNA CLARA

“(...) a gente podia fazer qualquer brincadeira”

Anna Clara, 9 anos

Esta foi a frase que mais me marcou na conversa com Anna Clara, a primeira criança que conversei sobre as brincadeiras no CEU. Apesar de termos ficado pouco tempo falando, ela afirmou com alegria que lá é um lugar onde ela e as tias, um pouco maiores que ela, podem brincar do que quiserem. Essa é uma característica dos quintais, qualquer brincadeira pode ser realizada ou imaginada, na companhia daqueles que são nossos parceiros de aventuras!



(Anna Clara, arquivo da família)

A casa de Anna Clara fica bem em frente ao portão principal do CEU, fato que motivou minha escolha em ouvi-la. Sua família acompanhou de perto a implantação desta unidade e tem memórias anteriores à sua construção. As tias, irmãs do pai de Anna, estudaram nas primeiras turmas inauguradas. A mais velha hoje é estudante de pedagogia e as outras adolescentes, apesar de estarem matriculadas em outras escolas, também possuem uma relação íntima com o espaço.

Nosso encontro aconteceu no dia dezessete de fevereiro deste ano por volta das vinte horas. Marcamos este horário por ser o mais adequado para a organização da família. Já havia agendado uma conversa prévia com sua tia Naysa que mediou e viabilizou nosso contato. Expliquei previamente que gostaria de falar sobre os quintais e saber em que lugares do CEU Anna brincava e quais brincadeiras fazia lá.

Em uma chamada de vídeo via aplicativo de celular, ferramenta mais acessível para a família naquele momento, conheci Anna Clara. As tias e avó ficaram por perto para que ela se sentisse mais à vontade em compartilhar suas memórias comigo. Isto fez com que de forma natural elas participassem da conversa, ao contrário de minha intenção inicial. Como meu objetivo era ouvir a criança da casa, no caso Anna Clara, me atentei mais às falas dela, só utilizei demais contribuições dos familiares conforme considerei pertinentes à narrativa da menina. Foi a primeira experiência de campo e

dela levei muitos pontos a organizar para as próximas abordagens a fim de preparar melhor o ambiente para esse momento, ainda que virtual.

Comecei perguntando sobre o que Anna lembrava dos tempos que frequentava a EMEI do CEU Uirapuru, ela me contou que se lembra dos desenhos e da comida. Disse que lá podia brincar do que quisesse e que tinha saudades daquele tempo. Perguntei sobre os amigos que guarda dessa fase, ela respondeu que ainda tem contato com alguns e que comenta sobre o que brincavam. Este início de diálogo foi proposital, como eu não a conhecia queria me aproximar dela pelo campo da escola, uma vez que a tia já tinha dito que eu trabalhava lá, no prédio onde Anna frequentou dois anos da Educação Infantil.

Continuamos a conversa falando sobre os momentos que ela ia brincar no CEU, fora do horário formal de aula. Como reside tão perto, perguntei se ela ia até lá sozinha. Anna me contou que não pode ir só *“(...) eu tenho que ir sempre com alguém”* e complementou que sempre uma das tias a acompanhava e que com elas brincava. Falou também sobre os elementos da brincadeira quando perguntei se levavam algum objeto, ela respondeu que *“Não, a gente brinca normal”*, e mais a frente completou *“Eu brincava de correr lá, rolar no chão... E também de escalar o paredão”*, deixando evidente em sua afirmação que para se divertir ela não precisa de objetos, o próprio espaço é seu brinquedo!

Como não tinha nenhum instrumento além da nossa conversa que a ajudassem a recordar, fui perguntando sobre o que ela se lembrava, do que sentia falta? Perguntei até o que ela achava que faltava no CEU. Anna sugeriu brinquedos maiores *“(...) acho que eu nem entro mais no escorregador. Está ficando pitico, pitico”*, e que o parque precisaria de *“...um escorregador bem grande, um negócio que gira assim (fez sinal com os braços mostrando o tamanho), uma balança maior e um cavalinho daqueles que tem um suporte e vai mexendo assim oh... tipo um balanço”*.

Compreendo sua preocupação, as tias que a acompanham já não utilizam os equipamentos do parque porque são maiores que o permitido para uso dos mesmos (até dez anos). Anna já tem nove e o fato de estar crescendo enquanto o CEU está fechado parece preocupá-la. Caso demore para reabrir, ela pode ficar grande demais para usar esses brinquedões.

Uma interrupção muito bem-vinda, foi um relato da Naysa, tia de Anna, ela frequentava o espaço quando criança. O terreno era baldio e as famílias se reuniam em atividades de lazer organizadas pela própria comunidade. O avô de Anna Clara jogava bola todo fim de semana e levava seus filhos (crianças na época) para brincar também.



(Tia Naysa – acervo da família)



(Tia Nylly e vó Angela – acervo da família)

A conversa com Anna e sua família nos revela que no quintal também é possível o encontro de gerações, brincadeiras que se repetem ao longo do tempo, num mesmo espaço. O avô, as tias mais velhas e Anna tiveram infâncias em momentos diferentes, mas têm lembranças nos mesmos lugares: *“É verdade! Lembrei agora eu também escalava o paredão, mas na minha época era diferente, nem tinha o CEU ainda. Ela falando me veio a imagem na cabeça.”*, foi

o que nos contou a tia de Anna de forma muito espontânea, pois ao ouvir a sobrinha, vieram à tona algumas memórias.

Este espaço afetivo onde todos eles já brincaram também marca a identidade desta família, uma vez que ao longo de nossa conversa descobri que Anna gosta de vôlei, contou que gostaria de aumentar o campo que existe no CEU e demais pessoas da família também praticam de esportes.



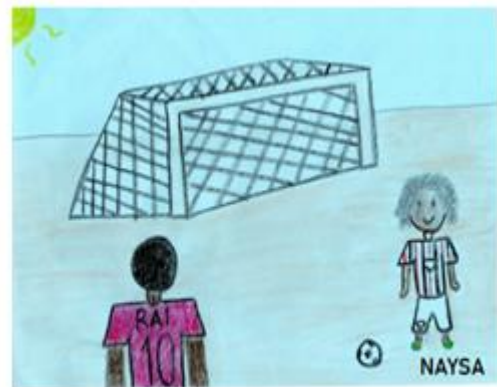
(Anna Clara, 9 anos)

Após a entrevista a família de Anna me enviou seu desenho, nele percebo o quanto ela deseja estar no espaço do CEU

neste momento, pois apesar de estar fechado durante toda a pandemia, ela se desenhou no Parque da Família, bem no centro com máscara de proteção, apontando talvez uma situação futura. Os brinquedos grandes que ela sugeriu também aparecem em destaque.

Ecléa Bosi em seu livro *O tempo vivido da memória*, relata no capítulo intitulado “O campo de Terezin”, suas impressões quando teve acesso à desenhos de crianças sobreviventes do holocausto que foram abrigadas na Cidade de Terezin, República Tcheca. As crianças expressavam saudade e seus registros gráficos “*Os desenhos são povoados de imagens do lar perdido, da cidade amada onde um dia querem retornar*” (p.93). Anna, não passou por situações traumáticas como as crianças citadas por Ecléa Bósi, mas também está vivendo num contexto novo para ela, e cheio de incertezas. A escola, o espaço do CEU e lugares que ela costumava frequentar estão indisponíveis por tempo indeterminado. Ela vive uma nova realidade no quintal da casa da avó, mas já se imagina brincando num possível “novo normal” no parque do CEU, lugar onde deseja retornar em breve.

A família de Anna também embarcou na brincadeira de registrar seu espaço preferido do CEU, a tia Naysa¹⁸, nos enviou seu desenho. Nele ela se retratou com o pai, avô de Anna, em um momento marcante para ela. Aos domingos ela ia assistir o pai jogar bola no campinho (terreno baldio onde anos mais tarde foi construído o CEU Uirapuru), antes de voltar para casa ele jogava um pouco com a filha que até hoje joga futebol aos fins de semana.



(Desenho de Naysa, 21 anos - tia de Anna)

O brincar é uma linguagem universal que une adultos e crianças de várias idades e partes do mundo. Numa mesma família, pessoas de gerações diferentes encontram um lugar comum em suas memórias: as brincadeiras neste quintal.

Precisamos abandonar esse discurso de que o adulto não sabe brincar ou, ainda, de que a criança de hoje não sabe brincar como a criança de antigamente. O brincar é de todos, está em todos e se realiza na ação, no

¹⁸ Naysa, tia de Anna Clara. Decidi anexá-lo ao corpo do texto, pois representa bem este encontro de gerações que o quintal possibilita.

cantar junto, no correr e pular. Na alegria, na liberdade, na diversão. É dessa forma que se cria vínculo, empatia, autonomia. Todos são capazes disso, crianças e adultos. (MEIRELLES¹⁹, 2018)

De forma não proposital nossa conversa propiciou que estas lembranças fossem compartilhadas, a menina desconhecia a história desse quintal que brinca hoje e sua família também desconhecia as preferências dela. A fala de Anna provocou nas outras pessoas da casa a abertura de imagens internas, que estavam esquecidas. Ouvir as crianças que estão diante de nós, abre espaço para ouvirmos as que estão por dentro, nos faz acessar a infância que ficou lá atrás, mas continua tão presente.

¹⁹ Renata Meirelles em entrevista ao blog Desenvolvimento Infantil, da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, disponível em <http://avante.org.br/o-poder-da-brincadeira-com-renata-meirelles-do-territorio-do-brincar/>

8.2. O QUINTAL DO ENZO, MANUELLA E SOPHIA

Brincava, há muitos anos! (...) Era legal brincar lá.

Manuella, 10 anos

Faz tempo. (...) Bolinho de terra. Era normal.

Sophia, 10 anos

Eu brincava também (...) fazia lama.

Enzo, 8 anos

Após a primeira entrevista decidi utilizar como disparador da nossa conversa o recurso da caixa de memórias construída com fotos e elementos encontrados no chão do CEU, como já relatado anteriormente. O encontro com as crianças ocorreu de forma presencial, fato que me proporcionou uma experiência em campo bem diferente da primeira.

Nos encontramos na casa da Andrea, tia das crianças, que mediou o encontro com a avó que é responsável por Enzo e as irmãs gêmeas Sophia e Manuella. Foi assim que consegui me reunir²⁰ com os três numa roda de conversa. Atualmente, a família não mora mais tão perto do CEU, pois se mudaram para outra rua do bairro. A avó sempre participava de atividades no Uirapuru e levava os netos que ainda estão matriculados lá, apesar do ensino remoto. Antes as crianças também podiam ir sozinhas. Manuella confirma essa autonomia em nossa conversa “*Eu tinha amigos lá, minha avó deixava e a gente ia.*” Agora morando no novo endereço não há combinados ainda sobre as idas ao CEU.

A roda com as três crianças manuseando a caixa foi marcada por muitas falas num curto espaço de tempo. Os elementos coletados como grama, areia, terra chamaram a atenção das crianças que me perguntaram sobre estas recordações: “*E você guarda de lembrança?*”, falou Enzo. E os três foram me contando como brincavam com o barro e a lama que tem no CEU.

Eu só fazia lama. (Enzo)

Bolinho de terra. Era normal. (Sophia)

E até jogava. (Manuella)

²⁰ Houve higienização das mãos e distanciamento como forma de cuidados de prevenção contra a Covid 19.

Precisei ouvir depois com mais atenção para separar e registrar melhor as falas, pois queriam me contar como brincavam ao mesmo tempo. Esta foi uma característica marcante desta roda, falavam de forma ligeira e exploraram a caixa mais depressa do que eu imaginava. Percebi que olharam as fotos rapidinho e logo se dispersaram, por isso propus que desenhassem o que lembravam das brincadeiras deste quintal, e assim consegui momentos individuais com cada um deles.

Sophia foi a primeira, se desenhou na piscina, apesar de ser grandinha, fez a piscina mais rasa, acredito que se referindo a um tempo mais distante, onde era mais nova. *“Desenhei eu indo para a piscina. Era muito legal lá. Eu ia com minhas amigas. Eu gostava de brincar no parquinho, da sala de aula, mas meu lugar preferido era piscina”*, disse Sophia tentando demonstrar já ser maior que os primos.



(Sophia, arquivo pessoal)



(Desenho de Sophia, 10 anos)

Percebi que ela não queria desenhar mais detalhes, por isso respeitei e conversei sobre o que ela gostava de fazer lá no CEU. Ela enfatizou, mais uma vez a piscina como seu lugar preferido e também como ponto de encontro com as amigas.

Já Enzo destacou outro lugar *“Desenhei uma caixinha de areia, o balanço, o escorregador e meus amigos. A gente corria, era a brincadeira que eu mais gostava de fazer, lá na areia”* em mais de um momento Enzo falou sobre correr no CEU como se o espaço o convidasse. Quando perguntei do que brincaria agora se estivesse lá ele respondeu que *“correria pra rampa”*. Pensando na conversa que tive com Enzo percebo o quanto ter acesso a múltiplos quintais os proporciona experiências diferentes.



(Enzo, 8 anos)



(Enzo – Arquivo pessoal)

A residência onde moram é bem pequena, tem apenas um cômodo e as ruas do entorno são estreitas como corredores, logo as brincadeiras que não cabem neles por conta do espaço, ganham vida neste outro quintal, o CEU, onde pode correr à vontade e “brincar de pega-pega”, segundo a fala de Enzo quando nos conta sobre suas preferências. Essa é uma brincadeira muito presente nas incontáveis infâncias pelo mundo. Seja em lugares planos ou com obstáculos, correr é um exercício de liberdade, pois para que seja possível é preciso espaço e muita disposição.

“Desenhei uma piscina. Era o lugar que eu mais gostava de brincar, tinha muita gente brincando.” Manuella, assim como Sophia, ressalta a piscina como seu lugar especial, demonstrou saudosismo não só da brincadeira na



(Manuella, arquivo pessoal)

água, mas também da grande



(Manuella, 10 anos)

movimentação que havia nas instalações do CEU.

As crianças desenharam os cartões postais da unidade: o parque da família e a piscina. Quando manusearam as fotos da caixa também selecionaram esses espaços como os que mais gostavam. Brincar na água foi uma brincadeira muito citada nesta roda, não somente por conta da piscina, mas da lama presente em alguns canteiros do CEU após a chuva.

Fazer bolinhos de lama é uma brincadeira muito comum em diferentes infâncias, tempos e nações. Folhas, barro, gravetos tudo se transforma em ingrediente nessa cozinha laboratório. Em sua viagem pelo Brasil, a educadora Renata Meirelles

registrou diferentes tipos de comidinhas feitas no quintal, mostrando que essa prática se repete em diversos contextos e faz parte de muitas infâncias.

Ao conversar com este trio lembrei-me dos meus momentos de menina fazendo pratos de lama que pareciam suculentos, nos fundos da casa da minha avó, da água da chuva, dos banhos de mangueira, de bacia e do cheiro da terra molhada. A cada encontro com as crianças imagens da minha infância também foram surgindo.

8.3. O QUINTAL DA ALÍCIA

“Pode perguntar que eu lembro de tudinho do CEU Uirapuru.

Eu tenho muita saudade de lá.”

Alícia, 8 anos

Foi assim que começou o encontro com a Alícia! Ele aconteceu em dois momentos diferentes: primeiro on-line e depois presencial. Utilizei a caixa para que compreendesse a ideia das memórias guardadas, mas ampliei no monitor do computador as imagens para que visualizasse melhor. Ela reside numa rua do bairro nas imediações do CEU, frequentou a Educação Infantil lá e atualmente está numa nova escola cursando o segundo ano do Ensino fundamental. Como o isolamento social começou em março do ano passado, ela teve pouquíssimo contato com a instituição atual e tem bem vivas as memórias do tempo que passava no Uirapuru.

Segundo Alícia sua brincadeira preferida lá no CEU se chamava Chão é lava e como eu não conhecia ela me explicou *“Chão é lava é assim... Tem o chão a gente fica no meio do chão e quando a gente fala ‘Chão é lava’ tem que subir em alguma coisa porque tem lava. É igual cada macaco no seu galho”*. Continuou contando muitas outras brincadeiras e lembranças de situações que viveu com os amigos *“A gente brincava de esconde-esconde, eu lembro. Pega-pega e muito adoleta. Eu gostava de brincar lá naquele lugarzinho perto das duas casinhas perto da biblioteca. Andava muito de motoquinha, né.”*

Como frequentava as aulas de ballet/jazz antes do horário de entrada na Educação Infantil, Alícia ficava grande parte de seu tempo brincando no CEU e contou rindo muito sobre um episódio que até sua mãe desconhecia *“Ah, o último dia do ballet que foi a apresentação de jazz que eu e a minha amiga ficamos aprontando muito e fugindo muito. A gente ficou dançando pro Ceu Uirapuru inteiro!”*

Fiquei surpresa com a riqueza de detalhes que Alícia apresentou em seus relatos. Enquanto ela falava ia apresentando cada cantinho e compartilhando sobre suas vivências ali.

Neste imenso quintal há momentos de brincadeira que se assemelham e se confundem entre estar sob a supervisão da professora ou só com os colegas. Um

exemplo disso é quando relata que caçava insetos na escola *“Eu lembro também um dia que a gente pegou a lupa e a gente ficou olhando naquele lugar que tem madeira (...) Lembro a gente ficava vendo as formiguinhas e os objetos que tinha lá.”* E fora dela *“A gente gostava muito de ficar indo por aí, a gente dava volta umas 100 vezes aí. A gente ficava zanzando e girando, girando e girando até cair. E eu lembro que a gente ficava muito vendo as plantinhas e caçando amora. A gente ficava caçando muito coisa lá... caçando borboleta. Eu e a Valentina a gente amava borboleta. A gente amava!”*

Renata Meirelles numa entrevista sobre o poder da brincadeira fala sobre este contato com a natureza na infância

A criança, de forma muito autêntica, entende todas as relações intrínsecas à natureza e a ela própria. Ela se sente parte de tudo isso. Comunga com esse ambiente. Afastá-la da natureza é afastá-la de sua essência. O contato com a natureza é vivencial e não se dá pelo conhecer, informar, alertar. É poder explorar, sentir, testar, algo bem simples, como é o brincar. Sozinha ou na companhia do adulto, ela pode olhar o céu, observar as plantas, admirar os insetos, vivendo o que aquele momento permite, com liberdade e alegria. (MEIRELLES, 2018)

De fato, na narrativa de Alícia aparecem vários relatos de contato com a natureza como subir em árvores, construir cabanas e balanços, brincar com insetos, comer fruta do pé, fazer comidinha com areia ou terra, caçar sapo e andar no meio do mato.

Para Alícia estar no CEU é viver em liberdade, segundo ela mesma disse enquanto eu conversava com a mãe para finalizar o encontro *“Brincar lá é liberdade, mãe!”*. A mãe de Alícia disse surpresa *“Eu não sabia o quanto ela gostava do CEU, assim que puder vou com ela lá.”* A cada foto, muitos comentários foram surgindo revelando, até mesmo para a família que estava apenas observando, o quanto de sua infância tem sido vivida neste quintal e as inúmeras histórias que nele estão guardadas.

Em seu desenho Alícia representou um dos momentos que ela lembra de estar com sua amiga Valentina onde elas fizeram uma cabana. Quando fui em sua casa buscar as autorizações de imagem, ela me mostrou seu desenho e explicou que nesse dia elas tinham tentado fazer uma rede, mas o tecido não aguentou o peso delas,

então elas ficaram embaixo se protegendo do sol. Quando estavam com as professoras utilizavam os materiais que elas disponibilizavam para escolha das crianças. Se estavam sozinhas utilizavam blusas e o que tinham na mão. Segundo ela, neste dia retratado no desenho elas prenderam um pedaço de pano, mas em outras vezes também usaram blusas e o que tinham para amarrar nas árvores ou nas cercas de madeira²¹.



(Desenho de Alícia, 8 anos)

De fato, subir em árvores e prender tecidos nela era uma brincadeira que Alícia costumava fazer com frequência. Encontrei alguns registros nos arquivos da EMEI onde ela aparece numa sequência de imagens construindo um balanço. Subir em uma árvore, prender algo nela, testar se suporta o peso, se está na altura adequada, são várias etapas que antecedem o balançar. O processo de construção do brinquedo faz parte da brincadeira e não pode ser substituído. Esta cena me lembra muito o relato de Renata Meirelles num dos encontros da pós onde falou sobre crianças que construíam piões, brincavam com eles e ao final do dia os abandonavam. A ideia não era guarda-los, era sempre começar a brincadeira pelo início: construindo. O interessante é que bem próximo a esta área há um playground que todos chamam de Parque da Família, por ser sempre aberto à comunidade. Ainda assim, Alícia constrói seu próprio balanço, prefere a experiência completa!



²¹ Algumas árvores são protegidas por cercas de madeira até que cresçam e fiquem fortes o suficiente.



(Arquivo da EMEI CEU Uirapuru, agosto/2018)

No brincar livre a criança tem voz e poder de decisão, encontra desafios e busca soluções, sozinha ou acompanhada de seus pares

Ela mesma precisa responder questões básicas, como “o que quero fazer? ”, “como posso fazer isso?”. Digo sempre que essa escuta no brincar é um exercício do desejo. Quanto mais ela tem a liberdade de escolher o que quer brincar, com quem quer brincar, onde quer brincar, mais acesso ela terá a quem ela é. Ou seja, no brincar, a criança se reconhece a partir de um desejo seu e de como ele se configura por meio das ações que ela realiza no mundo.

(MEIRELLES²², 2018)

E neste exercício de explorar as diversas possibilidades de seu quintal Alícia segue brincando e crescendo. Hoje ela disse que brinca nas áreas comuns do prédio que mora, segundo *ela* “*é divertido, mas também quero brincar no CEU, é melhor brincar nos dois.*” O relato de Alícia foi intenso e cheio de afeto por cada cantinho desse quintal me lembra muito Manoel de Barros “*cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre sem compartimentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação.*” (BARROS, 2008, p.187) Para ela não é melhor brincar no CEU do que nas opções que tem hoje. Bom é simplesmente poder brincar! Quanto mais lugares para explorar melhor é a brincadeira.

²² Renata Meirelles em entrevista ao blog Desenvolvimento Infantil, da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, disponível em <http://avante.org.br/o-poder-da-brincadeira-com-renata-meirelles-do-territorio-do-brincar/>

8.4. O QUINTAL DO ELIAS

“A gente ficava subindo na árvore, pendurando no alto.”

(Elias, 8 anos)

De todas as crianças entrevistadas, Elias é o que literalmente tem o Uirapuru como extensão de sua casa. Ele mora num prédio do conjunto habitacional que fica atrás do CEU e, assim como muitas crianças que residem lá, utiliza bastante os espaços da instituição como área de lazer.

O encontro foi marcado em contato com a mãe de Elias, a senhora Wilsa. Por opção dela realizamos a conversa primeiramente via aplicativo de celular. Por estar sempre circulando no CEU, Elias já me conhecia e a conversa com ele fluiu de forma bem natural.

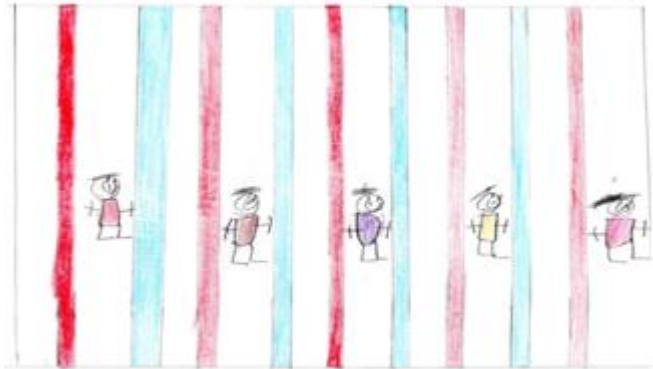


(Elias, mãe Wilsa e irmã Isabelly)

Uma questão diferente apontada por Elias foram as brincadeiras e uso do espaço com a mãe *“A gente brincava lá de se esconder”* e a irmã *“(...) as vezes ia eu e a minha irmã lá jogar basquete”* e inclusive piquenique e piscina com elas. Dona Wilsa contou que na verdade eram lanchinho que levava para não terem que voltar para casa entre uma atividade e outra, mas para Elias este momento era motivo de grande alegria.

A natureza também aparece nas memórias de *Elias “Às vezes eu fazia bola de terra”, “Eu gostava de ver os bichinhos”, “tinha formiga carregando planta”,* também subia nas árvores sozinho ou com seus parceiros de aventuras. O quintal é esse lugar onde desafios de diferentes magnitudes são possíveis, desde caçar um inseto até escalar uma alta árvore ou um paredão com os amigos!

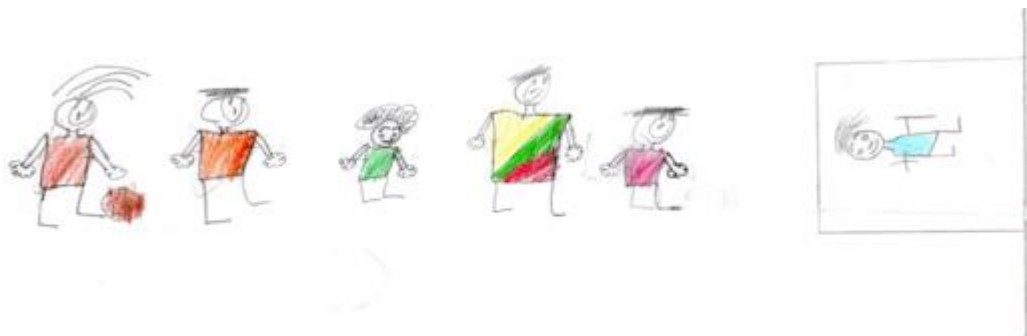
Outro elemento marcante na fala de Elias são os amigos “A gente brincava de bola”, quando perguntei sobre o que ele mais gostava no CEU me respondeu que eram os seus amigos. No desenho que fez representou ele e os colegas escalando o paredão do ginásio.



(Elias, 8 anos)

Essa prática apareceu em relatos de outras crianças que conversei. No entanto, o paredão que Elias se refere é o teto do ginásio que por ter uma parte baixa bem inclinada, é um convite aos menores que desejam subir nele. As crianças um pouco maiores preferem um outro paredão do fundo, onde o desafio de escalar requer mais habilidade e força.

Outro desenho que ele me entregou mostrava o futebol na quadrinha. Na conversa que tive pessoalmente com ele me explicou que a criança no centro de cachinhos é ele com o cabelo maior, como era antes de cortá-lo. Os outros são os amigos que brincavam com ele no CEU. Alguns amigos ele não sabe o nome, mas esta questão é bem comum, pois quem chega vai participando da brincadeira e não necessariamente precisa se apresentar.



(Elias, 8 anos)

Elias disse que tem saudades do CEU e que por enquanto brinca em casa. Sua mãe não o deixa brincar na rua, pois não acha seguro e no prédio onde mora não tem área de lazer. Ela também sente falta do espaço do Uirapuru e reconhece a importância dele para seus filhos.

Atualmente, Elias continua no esconde-esconde com a mãe, mas agora dentro de casa. Ela se desdobrou entre as lições on-line dos filhos, as dela, pois voltou a estudar, e também divide o tempo com suas vendas e tarefas domésticas. A família vive atualmente do Auxílio Emergencial do Governo e da comercialização dos artesanatos que a mãe faz, alguns deles ela aprendeu em oficinas para mulheres que aconteciam no CEU Uirapuru. Neste caso, a instituição não é apenas o quintal da família, mas também gerou uma fonte de renda para eles.

Ficar tanto tempo dentro de casa é uma grande mudança para Elias e a irmã, eles brincavam o dia todo no CEU, inclusive nas férias eram inscritos no programa Recreio nas Férias onde as crianças participam de várias atividades realizadas lá. Apesar de todo o período que passava ali, quando perguntei quanto tempo ficava no CEU me respondeu que era pouco, mas no final da entrevista, sem que eu perguntasse, me disse que queria voltar logo e justificou *“É porque eu passei muito tempo aí.”* Acredito eu que quando se referiu a pouco, talvez seja porque não considerava o suficiente, sempre queria brincar mais um pouquinho! Como disse a mãe dele sobre quando chamava Elias para entrar em casa.

Em um segundo momento marquei de me encontrar com a dona Wilsa na esquina de sua casa (em frente ao CEU). Como havia prometido levei a caixa de memórias para Elias ver, pois apesar de ter mostrado as fotos via celular era imprescindível que ele pudesse olhá-la pessoalmente. De onde estávamos dava para ver o parque que fica dentro da EMEI vazio. Expressando inconformismo ele me disse, *“Bem que podia abrir pra gente entra lá”*, como provocação

perguntei, *“abrir por quê?”*, ele respondeu *“Pra gente brincar ué!”* Achei muito interessante ver que Elias, além de se referir a mãe, me incluía quando disse *“a gente”*. Mais uma vez confirmei a impressão que tive ao conversar com ele anteriormente, para Elias adultos e crianças podem brincar e isto é bem comum no CEU.



(Elias, arquivo pessoal)

9. E A CONVERSA CONTINUA...

"Um dia num campo de ovelhas
 Vi um homem de verdes orelhas
 Ele era bem velho, bastante idade tinha
 Só sua orelha ficara verdinha
 Sentei-me então a seu lado
 A fim de ver melhor, com cuidado
 Senhor, desculpe minha ousadia, mas na sua idade
 de uma orelha tão verde, qual a utilidade?
 Ele me disse, já sou velho, mas veja que coisa linda
 De um menininho tenho a orelha ainda
 É uma orelha-criança que me ajuda a compreender
 O que os grandes não querem mais entender
 Ouço a voz de pedras e passarinhos
 Nuvens passando, cascatas e riachinhos
 Das conversas de crianças, obscuras ao adulto
 Compreendendo sem dificuldade o sentido oculto
 Foi o que o homem de verdes orelhas
 Me disse no campo de ovelhas. "

(O Homem da Orelha Verde, Gianni Rodari)

Esse poema me faz lembrar das longas conversas com minhas avós, elas com certeza tinham orelhas verdes. Com muita sabedoria se dispunham a nos ouvir e conosco, seus netos, compartilhavam tantas coisas lindas.

Cresci, pensei que talvez não tivesse cuidado devidamente das minhas orelhas, achava que elas haviam amadurecido demais para perceber os encantos da vida que se inaugura aos olhos das crianças

Para adentrar o universo das infâncias, é sim essencial ter os olhos de Miguilim para escutar longe e espiar além, provocando deslocamentos e desestabilizando certezas. Empréstimo das crianças lunetas, lentes e olhos da primeira vez. (ROMEY, 2018, p.42)

Uma formiguinha, uma borboleta, a lama, o subir nas árvores, comer fruta do pé. Tantos aromas e sabores permeiam nossas lembranças da infância, e todos eles cabem no nosso quintal.

Quando nos reconectamos com esses elementos, nossos sentidos nos fazem voltar àquele exato local onde vivemos nossas primeiras descobertas de criança. Nossas orelhas retomam a sua essência e permanecem abertas ao novo que as crianças nos trazem diante do que já estamos tão acostumados a ver, ouvir, mas não sentir.

Os sentidos não são 'janelas' sobre o mundo, 'espelhos' oferecidos ao registro das coisas em total indiferença com as culturas ou com as sensibilidades; eles são filtros que só retêm em sua peneira o que o indivíduo aprendeu a colocar nela, ou o que ele justamente busca identificar mobilizando seus recursos. (LE BRETON, 1953, p.15)

O autor nos leva a questionar aquilo que percebemos como importantes. O valor de uma percepção muda muito de uma cultura para outra e não é uma questão de certo ou errado, mas um sentido próprio e interior dos indivíduos. Medimos o mundo conforme nossa experiência, referências sociais e culturais que nos rodeiam. Ele afirma que na cultura ocidental a visão “exerce uma ascendência sobre os outros sentidos” (p.16) sendo nossa primeira referência. De fato, para as entrevistas, com o recurso da caixa de memórias e as fotos, a visão foi mais requerida, no entanto, a intenção de agregar outros elementos palpáveis nela permitiu que as crianças tocassem e acionassem outros sentidos como o tato e olfato também.

A entrevista inicial me deixou preocupada e insegura quanto ao tema da presente pesquisa, pensei que as crianças não se lembravam mais de suas brincadeiras no CEU ou que não fossem querer compartilhá-las comigo. Eu mesma não conseguia me lembrar de alguns fatos. Construir a caixa permitiu desde sua elaboração que eu acionasse outras percepções através de sentidos que não fossem a visão. Da mesma forma no presente curso de pós-graduação também passamos por vários momentos cheios de aromas, sabores, cores, sons, texturas, enfim gatilhos que nos despertaram e nos ajudaram no resgate e reconexão com as nossas infâncias para encontrarmos as crianças que estavam diante de nós e suas vozes pudessem ser ouvidas.

Le Breton também traz a imagem da floresta afirmando que

(...) indivíduos diferentes não são sensíveis aos mesmos dados. Existe a floresta do coletor de champignons, do passeante, do fugitivo, a floresta do índio, do caçador, do guarda-florestal ou caçador ilegal, a dos apaixonados, mas uma infinidade de percepções a seu respeito segundo os ângulos de

aproximação, de expectativas, de pertencas sociais e culturais. (LE BRETON, 1953 p.12)

Assim um mesmo quintal, o CEU, pode ter nuances diferentes diante dos olhos de cada uma das crianças que nele frequentam, mas também ao nosso olhar já adulto.

Ao longo das entrevistas muitas preciosidades foram reveladas, mas poderiam passar despercebidas pelo olhar de outros, como de fato aconteceu quando a mãe da Alícia se mostrou surpresa diante das afirmações da filha sobre o CEU, assim também a fala de Anna Clara fez a tia recordar de uma memória que tinha da infância fazendo o mesmo: escalar o paredão do CEU. Nos meus tempos de criança eu também escalava corredores, não tinha um quintal muito grande, mas na minha visão ele era gigante.

O encantamento de Alícia em relação às borboletas, seus relatos de brincadeiras e traquinagens revelam um quintal imenso, rico em experiências com a natureza.

O desejo de Enzo em correr com os amigos novamente por aquele espaço nos aponta para a liberdade de movimento e os vínculos que nos quintais também estabelecemos.

Elias, hoje cheio de saudades das brincadeiras que lá aconteciam com a família, também buscava do chão ao céu múltiplos interesses com suas caçadas à formigas e subidas nas “árvores mais altas”, como ele mesmo conta.

Manuella e Sophia com a paixão pelas brincadeiras com os amigos na piscina, nos mostram um quintal com uma estrutura diferenciada que permite mergulhos profundos e interações com este outro elemento da natureza: a água.

As lembranças contadas pelas crianças nos apresentam um CEU com múltiplas nuances, alguns pontos são comuns como as brincadeiras e locais escolhidos para que elas acontecessem. Mas outros são tão singulares que parecem locais distintos como o balançar de Enzo no brinquedo do parque e a necessidade de Alícia em construir uma cabana com tecido na árvore. As memórias de interação na piscina da estruturada área aquática relatadas pelas crianças e a presença de objetos abandonados pelo mato, sapos e insetos.

Le Breton afirma que

O antropólogo desconstrói a evidencia social de seus próprios sentidos e se abre a outras culturas sensoriais, as outras maneiras de sentir o mundo. A experiência do etnólogo ou do viajante é geralmente a do despovoamento de seus sentidos, ele é confrontado com sabores inesperados, com odores, músicas, ritmos, sons, contatos e usos do olhar que sacodem suas antigas rotinas e lhe ensinam a sentir outramente a sua relação com o mundo e com os outros. (LE BRETON, 1953, p.18)

Neste mergulho com as crianças, mesmo sem vê-las brincando no CEU, me fizeram compreender que para visitar um lugar não necessariamente precisamos estar nele. Há outras formas de senti-lo, tocá-lo e até mesmo prova-lo. Todo pesquisador precisa passar por este despovoamento dos sentidos. As fotos abriram nas crianças e em mim imagens que nem imaginávamos que estivessem lá, tão vivas. Todas as crianças entrevistadas, as que contaram mais histórias ou as que pouco falaram, revelaram suas percepções e formas de sentir o mundo. Seja rolando na grama, escalando paredes, correndo, se molhando, atirando água, sentindo o aroma que vem da comida feita nas escolas, o cheiro do barro, usando vários recursos ou o próprio corpo eles sentem a infância em seus quintais de diferentes formas e sentidos: visão, audição, paladar, olfato, enfim, de corpo inteiro.

No quintal dessas crianças, que apesar de ser o mesmo geograficamente, apresenta-se diferente nas experiências nele vividas, elas têm provado e explorado diferentes possibilidades de contato com o mundo, consigo mesmas e com os outros. Nele estabelecem vínculos de amizade, criam seus brinquedos, investigam e experimentam as incontáveis formas de se sentir e de viver suas infâncias. Portanto, conforme afirma a antropóloga Adriana Friedmann

É fundamental pensar, então, em culturas múltiplas, diversas, particulares e, ao mesmo tempo, universais. Nas culturas infantis instauram-se ideias, valores, costumes e conhecimentos que as crianças expressam por meio de suas linguagens. (FRIEDMANN, 2018, p.34)

É neste espaço que as crianças criam e narram suas histórias utilizando múltiplas linguagens. No quintal de cada criança encontramos um mundo diferente onde culturas universais e particulares podem ser escavadas.

Alícia, Anna Clara, Elias, Enzo, Manuella e Sophia me apresentaram seus CEUs particulares, seus quintais que apesar de não estarem abertos no momento habita neles e em suas lembranças. É por meio destas memórias que pude me conectar com cada uma destas crianças e me comunicar com elas, conhecendo seus

quintais e revisitando o meu nas memórias do meu tempo de menina que agora parece estar logo ali. Ou melhor, logo aqui, em mim.

O antropólogo Tim Ingold fala sobre o fazer de seu ofício “*não se trata de interpretar ou explicar o comportamento dos outros (...) Ao contrário trata-se de compartilhar da sua presença, de aprender com as suas experiências de vida*” depois continua dizendo que a antropologia se assemelha a arte cujo papel é “*despertar nossos sentidos, permitindo que o conhecimento cresça de dentro do ser, no desenrolar da vida*” (INGOLD, 2019, p. 10 e p.71). Estas falas expressam muito do que senti em contato com nossas mestras, os professores convidados, colegas de curso e, principalmente na escuta das crianças nesta pesquisa. Houve momentos de risos, de visitação, de encantamento, de aproximação do outro, mas também de identificação e de autoconhecimento, e como sempre, muitos copos d`água²³. Cada processo foi realmente como apreciar uma obra de arte, tantos mundos se abriram, cresci e tenho certeza que muito do que foi expresso aqui continuará reverberando ao longo da minha trajetória como educadora e em todos os papéis que assumo na vida.

²³ Em nossa turma essa expressão era comum, sempre alguém trazia um copo d`água quando a emoção dos encontros nos fazia emudecer e as lágrimas rolavam.

10. BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Rubem. **Por uma educação romântica**. São Paulo: Papirus, 2002.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BALLA, Jair e Antônio F. F. Ganem. **Vem aí um novo CEU**, Boletim da subprefeitura do Butantã, p.1. Disponível em https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/subprefeituras/boletins_da_s_subprefeituras/2007/butanta_2007-09.pdf acesso em 23/06/2021
- BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas: as infâncias de Manoel de Barros** – São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**. São Paulo: Ateliê, 2013.
- _____. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1994.
- CALDEIRA, Bianca e Antônio F. F. Ganem. **Parque linear a vista**, Boletim da subprefeitura do Butantã, p. 2. Disponível em https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/subprefeituras/boletins_da_s_subprefeituras/2009/butanta_2009-04.pdf
- FILHO, Adelson Murta. **O quintal é o território encantado da infância**. (Entrevista). In Criança e Consumo Entrevistas: A importância do brincar. São Paulo: Projeto Criança e Consumo, 2010.
- In <https://criancaeconsumo.org.br/wp-content/uploads/2017/02/Crian%C3%A7a-e-Consumo-Entrevistas-Vol-5.pdf> acesso em 23/08/2021
- FOCHI, Paulo (org). **Mini-histórias: rapsódias da vida cotidiana nas escolas do Observatório da Cultura Infantil – OBECI**. Porto alegre: Paulo Fochi Estudos Pedagógicos, 2019.
- FOX, Mem. **Guilherme Augusto de Araújo Fernandes**. Tradução Gilda de Aquino. São Paulo: Brinque Book, 1994
- FRIEDMANN, Adriana. **Linguagens e culturas infantis**. São Paulo: Cortez, 2013.
- _____. **Escuta e Observação de crianças: processos inspiradores para educadores**. São Paulo: Centro de Pesquisa e Formação Sesc, 2018.
- _____. **A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias**. São Paulo: Panda Books, 2020.
- GADOTTI, Moacir e Maria Aparecida Perez, in PADILHA, Paulo Roberto e Roberto da Silva (orgs). **Educação com qualidade social: A experiência dos CEUs de São Paulo**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2004. (p. 13-18)

INGOLD, Tim. **Antropologia: para que serve**. Tradução de Beatriz Silveira Castro Filgueiras. – Petrópolis-RJ: Vozes, 2019. (Coleção Antropologia)

LE BRETON, David. **Antropologia dos sentidos**. Tradução Francisco Móras. Petrópolis-RJ: Vozes, 2016.

MACIEL, Maria Esther. **As ironias da ordem: coleções, inventários e enciclopédias ficcionais**. Belo Horizonte- MG: Editora UFMG, 2009.

MEIRELLES, Renata. **O poder da brincadeira (entrevista)**. São Paulo, 2018. in <http://avante.org.br/o-poder-da-brincadeira-com-renata-meirelles-do-territorio-do-brincar/>

MEIRELLES, Renata. **Cozinhando no Quintal**. São Paulo: Terceiro Nome, 2014.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. **Pedagogia(s) da infância: reconstruindo uma práxis de participação**. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.; KISHIMOTO, T. M.; PINAZZA, M. (Org.). *Pedagogia(s) da infância: dialogando com o passado e construindo o futuro*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

OLIVEIRA, Rayssa. **Espaços afetivos: habitar a escola**. São Paulo: Ed do Autor, 2021.

PADILHA, Paulo Roberto e Roberto da Silva (orgs). **Educação com qualidade social: A experiência dos CEUs de São Paulo**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2004.

PALLASMAA, Juhani. **Habitar**. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

PEREZ, Maria Aparecida e Og Dória (org). **Educação, CEU e Cidade: breve história da educação brasileira nos 450 anos da cidade de São Paulo**. São Paulo- SP: Secretaria Municipal de Educação da cidade de São Paulo, 2007.

RODARI, Gianni. **O Homem de Orelhas Verdes**. In: TONUCCI, Francesco. *Com olhos de criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

ROMEU, Gabriela e Marlene Peret. **Lá no meu quintal... o brincar de meninas e meninos de Norte a Sul**. São Paulo: Peirópolis, 2019.

ROMEU, Gabriela. Para habitar o quintal (e o mundo) in <https://www.blogdaletrinhas.com.br/conteudos/visualizar/Para-habitar-o-quintal-e-o-mundo>. 2020.

_____. **Narrativas do olhar (notas de um diário)**. In *Quem está na escuta? Diálogos, reflexões e trocas de especialistas que dão vez e voz às crianças*. São Paulo: Mapa da Infância Brasileira, 2018. p.42-49

SEVERINO, Antônio e Kátia Tavares. **A poética da infância: conversas com quem educa as crianças**. Cachoeira Paulista-SP: Editora Passarinho, 2019.

TEOBALDO, Délcio. Inventário de Chãos. 2019. in <https://www.blogdaletrinhas.com.br/conteudos/visualizar/Inventario-de-chaos> acesso em 22/07/2021.

Consultas

- Programa Recreio nas férias Disponível em

<https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/noticias/programa-recreio-nas-ferias-completa-18-anos-levando-diversao-para-criancas-e-adolescentes/> acesso em 23/06/2021

- Relação de CEUs em funcionamento no Município de São Paulo. Disponível em <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/centroseducacionaisunificados/> acesso em 22/06/2021
- Cidade Educadora

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9272-apresentacoes-rede-brasileira-cidades-educadoras-pdf&category_slug=outubro-2011-pdf&Itemid=30192 acesso em 15/06/2021

- Decreto nº49.510, de 20 de maio de 2008, DOC de 21/05/2008. In <http://dobuscadireta.imprensaoficial.com.br/default.aspx?DataPublicacao=20080521&Caderno=DOC&NumeroPagina=1> acesso em 23/06/2021
- DECRETO Nº 57.478, DE 28 DE NOVEMBRO DE 2016. Aprova o Regimento Padrão dos Centros Educacionais Unificados – CEUs, vinculados à Secretaria Municipal de Educação. DOC 29/11/2006 p. 1. Disponível em <https://www.imprensaoficial.com.br/Certificacao/GatewayCertificaPDF.aspx?notarizacaoID=bf86c095-b79e-4406-bfe0-d6a0633ca009> acesso em 22/06/2021

ANEXOS

Entrevista Anna Clara 17/02/2021

P: Você tem saudade lá do CEU? 00:00:01

AN: Tenho. 00:00:03

P: Você gostava de estudar lá? 00:00:05

AN: Gostava. 00:00:09

P: Do que você mais gostava Anna? 00:00:13

AN: Eu gostava de desenhar. 00:00:16

P: Ah, sim você estudou na Emei, não foi? Lembra quem foi sua professora? 00:00:21

AN: Não lembro, o nome dela era difícil. 00:00:32

P: Mas das coisas que você fazia lá no CEU. Lembra de alguma que você mais gostava de fazer? 00:00:41

AN: Atividade? 00:00:51

P: Coisas que você gostava de fazer no CEU, brincadeiras... Qualquer coisa. 00:00:56

AN: Eu gostava de ir no parque 00:01:00

P: Vocês usavam mais de um parque ou só o da EMEI? 00:01:08

AN: Só o parque da EMEI. 00:01:12

P: E vocês brincavam bastante lá? 00:01:15

AN: Sim (...) a gente podia fazer qualquer brincadeira 00:01:21

P: E qual que você gostava mais? 00:01:31

AN: Pega-pega. 00:01:35

P: E dava para brincar lá no parquinho mesmo? 00:01:39

AN: Dava! 00:01:42

P: Tem algum amiguinho de lá que você ainda tem contato? 00:01:46



(Anna Clara, arquivo da família)

AN: Tenho, ela estudava na mesma sala que eu. 00:01:54

P: E vocês conversam sobre o CEU? Ou comentam sobre alguma coisa que vocês acham legal lá? 00:01:59

AN: Sim. A gente só fala que tem saudade de lá. 00:02:00

P: E tem alguma coisa que vocês não gostavam? 00:02:12

AN: Só as vezes a comida que não estava muito gostosa. (rs, rs) 00:02:20

P: Então você lembra até da comida do CEU? 00:02:30

AN: Lembro. 00:02:39

P: E depois que você parou de estudar no CEU, você ainda continua visitando ou indo lá brincar? Quer dizer, agora não porque está fechado. Mas antes da pandemia? 00:02:49

AN: Eu ia na piscina e no parque. 00:03:00

P: E você ia sozinha ou alguém ia com você? 00:03:11

AN: Não, eu tenho que ir sempre com alguém. 00:03:15

P: Quem vai com você? 00:03:18

AN: As minhas duas tias. 00:03:20

00:03: 25 (Uma das tias entra no diálogo para dizer os nomes das tias que tem entre 12 e 15 anos)

P: Vocês levam algum brinquedo para usar lá? 00:03:37

AN: Não, a gente brinca normal. 00:03:42

P: Vocês brincam com as coisas que têm lá mesmo? 00:03:45

AN: É. E sem nada também. 00:03:48

P: O que você acha que falta lá no CEU? Ou algo que você gostaria que tivesse? 00:03:50

AN: Então... falta um campo grande! 00:04:01

P: Campo? Como assim? De futebol? 00:04:11

AN: Não. Campo de vôlei. 00:04:14

P: Ah, vôlei. Você gosta de vôlei? Então se tivesse um campo de vôlei (ou uma quadra) seria perfeito? Ou tem mais coisas que você gostaria que colocassem ou fizessem? O CEU da Anna Clara? Como seria? 00:04:18

AN: Eu colocaria um parque bem, bem grande, cheio de brinquedo. 00:04:40

P: Então o parque que tem lá não tem tantos brinquedos? Você gostaria que tivesse mais? 00:04:53

AN: Não tem muitos brinquedos, nem lá, nem no outro parque. Os dois têm pouco brinquedo. O de dentro e o de fora. 00:05:04

P: E os que estão lá? Estão bons para você? Você consegue usar a vontade? 00:05:17

AN: Não. Acho que eu nem entro mais no escorregador. Está ficando pitico, pitico...00:05:31

P: Então precisaria de brinquedos para crianças maiores, da sua idade? 00:05:38

AN: Sim, um escorregador bem grande, um negócio que gira assim (fez sinal com os braços mostrando o tamanho), uma balança maior e cavalinho daqueles que tem um suporte e vai mexendo assim oh (com o corpo frente trás). 00:05:50

P: Ah, entendi! 00:06:15

AN: É tipo uma balança. Só isso. O CEU ia ficar muito melhor.

P: O que você acha dos espaços? Tem coisas que chama a sua atenção? 00:06:28

AN: Eu acho que é bem grande. 00:06:41

P: Se você fosse convidasse alguém para brincar no CEU, você convidaria para ir aonde? 00:06:58

AN: Pra ir naquela parte de dentro que é enorme, naquela quadra de dentro. 00:07:04

P: No ginásio. Você convidaria para ir lá. Por quê? 00:07:15

AN: Porque eu acho legal. 00:07:20

P: Pelo visto o esporte está na família. Você vôlei, sua irmã Naysa de futebol, seu pai futebol... Todos gostam de esportes 00:07:25

AN: É. (rs) 00:07:30

P: Que legal. Você conhece algum adulto que brincava lá no CEU antes? 00:07:35

AN: Não. Meu pai só me leva. Ele não tem o costume de brincar. 00:07:40

(tia completou atrás seu “avó jogava futebol”) 00:07:45

P: Você acha que poderia ter algo para os adultos também? 00:08:16

AN: Eu acho que precisaria de coisas para os adultos fazerem, se não fica chato só as crianças brincando e eles lá sentados. 00:08:27

P: Interessante. Anna, você disse que gosta de desenhar e que fazia isso na Emei. 00:08:45

AN: E pintava também. 00:08:58

P: Você conseguiria desenhar o que você mais gosta no CEU e tudo o que você me falou? 00:09:00

AN: Consigo! 00:09:09

P: Se você lembrar de mais alguma coisa que você gostava ou que gosta muito, ou tem saudade você pode desenhar também o CEU da Anna Clara. 00:09:11

P: E das outras áreas? O que você lembra de fazer lá? 00:09:45

AN: De onde? 00:09:50

P: Naquele espaço vazio perto do ginásio. Nos fundos do CEU... Nas passagens... 00:09:54

AN: Eu brincava de correr lá, rolar no chão... E também de escalar o paredão. 00:10:05

P: Tinha mais gente que brincava assim como você? 00:10:09

AN: Sim, sempre tinha outras crianças lá brincando. 00:10:13

P: E você brincava com elas? 00:10:16

AN: Às vezes. Brincava mais com as minhas tias. 00:10:18

(ao fundo a tia diz)

É verdade! Lembrei agora eu também escalava o paredão, mas na minha época era diferente, nem tinha o CEU ainda. Ela falando me veio a imagem na cabeça. 00:10:26

(Essa não é uma das tias que brinca agora com ela no CEU, as que acompanham Anna Clara são adolescentes)

P: Olha que bacana! Uma brincadeira que sua tia fazia há anos atrás você e suas tias mais novas fazem também! 00:10:45

(Anna Clara sorriu e perguntou para a tia)

AN: Mas você subia também? Rs 00:11:01

N: Eu subia, mas nem lembrava. Eu ia jogar bola com meu pai (avô de Anna Clara) lá no campinho onde é o CEU hoje. Eu ficava vendo meu pai jogar bola e também aproveitava para brincar e escalava o paredão. Nem lembrava mais. 00:11:05

P: Obrigada por compartilhar essa lembrança. Que lindo! Viu só Anna, muitas crianças que hoje são adultas já brincaram como você e nos mesmos lugares. 00:11:19

AN: Acenou com a cabeça sorrindo.

P: Tem mais alguma brincadeira que você se lembra de fazer no CEU? 00:11:25

AN: Não. 00:11:28

P: Nem algo que você gostaria que tivesse? 00:11:33

AN: Não. 00:11:37

P: Muito obrigada Anna Clara! Se lembrar de mais alguma coisa enquanto eu estiver conversando com a sua tia, pode me falar! Ou também pode colocar no seu desenho! Combinado? 00:11:50

AN: Combinado! 00:12:05

A conversa prosseguiu com a tia Naysa para ajustes quanto a entrega dos desenhos e autorizações de imagem. Enquanto conversávamos, Anna já iniciou seu desenho.

Entrevista Alícia 13/05/21²⁴

P: Podemos começar (00:00:02)

A: Pode perguntar que eu lembro de tudinho do Ceu Uirapuru. Eu tenho muita saudade de lá.(00:00:05)



P: Está com saudade da escola? (00:00:07)

A: Tô! Era muito legal o Ceu Uirapuru. (00:00:12)

P: Era um a delícia a turminha de vocês. Vocês aproveitavam bastante! (00:00:13)

A: Ai era bem legal (00:00:21)

P: Que lembrança você tem do CEU? Quando você pena no CEU O que você lembra primeiro Alícia? (00:00:24)

A: As brincadeiras, dos lanches, os amigos, do lugar que a gente tomava lanche. A moça da cozinha tinha feito um bolo e a gente que colocava as coisinhas em cima, o creme, o granulado... (00:00:34)

P: Eu me lembro desse bolo que vocês fizeram no dia das crianças. (00:01:07)

A: Eu também. Era muito legal! (00:01:15)

P: E das brincadeiras que você falou primeiro. Qual você gostava mais? (00:01:17)

A: Chão é lava! (00:01:32)

P: Como? Não entendi? (00:01:34)

A: Chão é lava. (00:01:37)

P: Não conheço essa brincadeira. Como é essa brincadeira? (00:01:38)

A: Chão é lava é assim... Tem o chão a gente fica no meio do chão e quando a gente fala "Chão é lava" tem que subir em alguma coisa porque tem lava. É igual cada macaco no seu galho. (00:01:42)

P: Que legal, eu não conhecia com esse nome. (risos) (00:02:03)

²⁴ Considere: A: Alícia e P: Pesquisadora

A: Não? (00:02:06)

P: Mas cada um chama suas brincadeiras de um jeito. É assim mesmo! (00:02:09)

A: A gente brincava de esconde-esconde, eu lembro. Pega-pegas e muiiito adoleta. Eu gostava de brincar lá naquele lugarzinho perto das duas casinhas perto da biblioteca. Andava muito de motoquinha, né. Eu lembro do dia que os meninos aprontaram para pular no pula-pula dos bebês e toda hora agente falava “Sai desse pula-pula!” Mas era injusto porque a gente não tinha tanto peso não. (00:02:15)

P: A gente só tinha pula-pula em dia de festa. Só! (00:03:46)

A: É, só! (00:03:51)

P: Alícia, você tem um memória boa! (00:03:55)

A: Ah tinha também o parque da família! (00:04:00)

P: Isso que eu ia te perguntar. Eu vou te mostrar algumas fotos e você me diz o que se lembra desses lugares. Um deles você já falou...Olha só, que lugar que é? (Assim que ela viu a foto gritou) (00:04:06)

A: É o parque da Família! (00:04:18)

P: Do que vocês brincavam lá? (00:04:24)

A: Aí a gente brincava muito de balançar. Muito de.... Como é mesmo? Muito de pega-pegas e a gente ia muito lá no fundão. A gente ficava cavando lá no fundo. (00:04:28)

Eu lembro de um dia que eu e minha amiga a gente tava cavando no fundo num lugar onde tem erva. Ai a gente tava cavando do ladinho puxou um cabinho e era uma faca, aí eu dei pra professora. (00:04:51)

P: Nossa! (00:05:06)

A: Me lembro desse dia... (00:05:07)

P: Deixa eu mostrar outro lugar. (00:05:09)

A: Quem é essa? Eu? (00:05:16)

P: Não, não é você não! Era uma criança que estava balançando lá. (00:05:18)

P: Não é da sua época não (00:05:24)

A: Era quem? (00:05:29)

(a mãe interrompe dizendo. Qual o lugar?) (00:05:31)

A: Ah tá

Eu lembro também um dia que a gente pegou a lupa e a gente ficou olhando naquele lugar que tem madeira (00:05:34)

P: Vocês estavam procurando o que? Você lembra o que vocês estavam procurando com a lupa? (00:05:43)

A: Lembro a gente ficava vendo as formiguinhas e os objetos que tinha lá. (00:05:47)

P: É isso mesmo! Que memória boa, hein!(00:05:55)

E essa imagem? Você se lembra desse espaço? É sobre o espaço nem adianta olhar para as crianças que essas acho que você não conhece. (rs) (00:06:00)

A: Da caixa de areia que a gente ficava brincando aí tinha um escorrega e eu também lembro da entrada e da saída que tinha o parquinho que a gente brincava muito. (00:06:09)

P: Onde você costumava brincar na hora da entrada ou na saída, quando você passava? (00:06:23)

A: No parque da família. (00:06:32)

P: Vou ver mais fotos que eu tenho aqui... Olha esse espaço aqui, olha. (00:06:36)

A: Lembro! (00:06:43)

P: Lembra de alguma brincadeira nesse espaço? (00:06:46)

A: Sim, Ah eu lembro de um dia que tinha uma árvore lá. Aí eu acho que foi com alguém né.. Aí a gente pegou um monte de coisa e a gente fez o que?! A gente fez uma rede, um balanço e a gente pois um tapetinho e eu e minha amiga fez um negocinho com lençol e a gente ficou lá sossegada e a gente brincou muito! (00:06:51)

Ah, eu também lembro da quadra e do barranco que a gente ficava rolando.

(rs) (00:07:20)

P: do barranco você rolando? Amei! (rs)

Aqui olha. Lembra desse pedacinho? Dá pra ver? (00:07:25)

A: Dá, lembro.

Era o lugar do banheiro e também a gente ia lá porque... As vezes a gente ia lá. É nesse lugar que eu tava falando que a gente fazia balanço, a rede. É nesse negócio aí... A gente foi com alguém lá.. aí a gente fez um monte de coisa... Lembro muito... É muito legal. A gente procurava uma árvorinha e a gente tentava fazer um balanço...Ai eu lembro muito do ceu Uirapuru. (00:07:36)

(expressão de muita alegria)

P: ai e essa carinha... eu tinha que fotografar isso Deixa eu ver se consigo

Não saiu muito bem não...Cadê você ... Está me vendo? . (00:08:16)

Você falou do balanço, vou te mostrar uma coisa depois... espera aí. (00:08:47)

A: Eu vou lembrar muito! (00:08:57)

P: Aqui você se lembra de algo? (00:09:00)

A: Ah, o último dia do ballet que foi a apresentação de jazz que eu e a minha amiga ficamos aprontando muito e fugindo muito.(rs) A gente ficou dançando pro Ceu Uirapuru inteiro! (00:09:03)

(Neste momento a mãe de Alícia interrompe com uma indagação à menina)

M: Ah, é assim? Faz o que quiser? (00:09:20)

A: Você não sabia não? (00:09:22)

M: Esse foi dia de festa? (00:09:24)

A: Foi (respondeu Alícia para a mãe como se a resposta fosse bem óbvia!)

É muito legal (00:09:25)

P: Você conhece cada cantinho desse Ceu? (00:09:26)

A: Lembro! (00:09:31)

P: Aqui. O que você se lembra desse espaço. (00:09:35)

A: Eu lembro que os meninos ficavam tentando fugir da escola. Que eles ficavam tentando por a mão para pegar algumas coisas naquela gradezinha.

Eu lembro que a gente brincava muito de pega-pega e a gente brincava também de basquete e os meninos de futebol. (00:09:38)

P: Muito legal! E nesse espaço? Você se lembra dessa descidinha? (00:10:09)

A: Lembro, lembro... (00:10:14)

P: Era aí que vocês rolavam? (00:10:18)

A: Sim. (00:10:23)

P: Aqui é fácil, né? (00:10:26)

A: Lembro. Era o lugar onde ficava os prediões. Aí era como é que se fala... Aí a gente subia mais e tinha um portão e tinha os guardas nesse lugarzinho que a gente ia pra brincar e as moças da limpeza ficavam muito. (00:10:31)

P: Nossa que memória boa! Meu Deus do Céu!

E aqui, ó! (00:10:56)

A: Eu lembro desse lugar também. Era o fundão, né... Era lá que ficava o fundão que a gente ia sério muito muito muito muito aí. (rs) A gente gostava muito de ficar indo pra aí, a gente dava volta umas 100 vezes aí. A gente ficava zanzando e girando, girando e girando até cair. E eu lembro que a gente ficava muito vendo as plantinhas e caçando amora. A gente ficava caçando muito coisa lá... caçando borboleta. Eu e a Valentina a gente amava borboleta. A gente amava! (00:11:03)

P: Então sua brincadeira nesse espaço era caçar borboletas! (00:11:51)

A: A gente ficava caçando borboleta com a lupa... Cadê você borboleta? (00:11:57)

P: Aqui eu já mostrei, né? (00:12:04)

A: Já! (00:12:08)

P: Aqui, olha! (00:12:10)

A: Eu lembro, eu lembro! A gente ficava tentando escalar. Aí a gente ficava muito passando por aí, a gente ficava que nem louca no fundão brincando de quem fazia a

estrelinha mais bonita. Aí eu lembro porque que os meninos, tinha uma parte no fundão tinha vidro e eu lembro meninos atacaram a bola lá aí quebrou. Aí eu falei professora, eu não queria cagoetar mais os meninos quebraram o vidro. (rs) Aí ela falou assim, meninos vocês estão de castigo hoje, amanhã e todos os dias! Aí eles Oh professora não, por favor. Aí eles ficaram na diretoria e os pais deles pagaram o vidro! (00:12:15)

Ah, eu também lembro da biblioteca! (00:13:18)

P: Da biblioteca? (00:13:20)

A: Sim, aí mesmo onde tinha a partinha das crianças que eu e minha amiga a gente ficava tentando ler livro. A gente ficava lá brincando com os bonequinhos fazendo uma novelinha “Oi minha amiga como tá? Não tá? (00:13:23)

P: Os fantoches? (00:13:40)

A: A gente brincava com os fantoches... é muito bom lembrar isso! (00:13:42)

P: Ah que delícia! (00:13:50)

A: a gente ficava pegando os livros daquela parte e saia correndo com ele. A gente...(00:13:53)

(A mãe interrompe ao fundo e diz)

M: Eu não imaginava que você gostasse tanto! (00:14:04)

A: Esse eu lembro também da rampa azul e da rampa amarela. Já fui na rampa azul e amarela. Lembro do berçário que tinha e Lembro das cadeirinhas pequenas que a gente sentava e quebrava a cadeira.(rs) Lembro o dia que a gente sento e pá, quebrou a cadeira! (00:14:06)

P: E aqui está enxergando? Dá para ver? (00:14:37)

A: Tô, esse é o lugar que a gente ficava zanzando que nem louca e fazendo exercício lá. A gente sentou naquele negocinho e põe o pé e a gente ficava lá, pondo a mão pra cima e embaixo, balança... mas um tipo de balanço diferente. (00:14:42)

P: É um exercício. (00:15:02)

A: Ha hã a gente ficava lá. (00:15:05)

P: Tem essa foto das meninas do ballet. (00:15:08)

A: Na quadra. (00:15:14)

Do ballet eu lembro muito. Era muito legal. (00:15:16)

P: Esse espaço era bem escondidinho. Você lembra? (00:15:28)

A: Era quando eu e os meninos ficavam brincando de ginastica e a gente plantava aí também. A pra plantar e ver os objetos a gente brincava...(00:15:33)

P: Que objetos? (00:15:50)

A: Teve um dia em que a gente foi em todos os parques para ver os objetos. São animais, como as formigas faziam os formigueiros, pegam as folhas com a lupa. Como as borboletas fazem o casulo... (00:15:57)

P: Você lembra de tudo com detalhes. (00:16:24)

Daqui acabou. Agora vou te mostrar outras fotos que eu tenho certeza que você vai lembrar de outras coisas. Já dá para fazer uma super tese só com o que você lembra... (00:16:33)

P: E agora o que você está fazendo sem poder sair pra brincar, tendo que ficar aí no prédio. (00:17:04)

A: É bem triste, mas eu tenho muitos amiguinhos aqui. (00:17:17)

Eu lembro disso... eu fui de Ladybug e aí era a rampa amarela e a gente ficava descendo e subindo e tinha a Valentina e a Mariana. Nesse dia eu não lembro se foi a Mariana ou a Natalyn que não foi de fantasia e a professora emprestou uma fantasia da escola aí ela foi de fadinha. (00:17:28)

Eu também lembro da Janaína, de todas as minhas professoras, da diretora, da Alessandra, da Valentina. (00:18:14)

Ah, eu amo esse lugar! (00:18:45)

P: Que lugar é esse? (00:18:48)

A: A gente tomava banho de mangueira. (00:18:56)

P: O chuveirinho. (00:19:00)

A: É o chuveirinho lá que a gente enchia os baldes e jogava água na cabeça e corria parquinho inteiro pra jogar água nas pessoas. (rs) (00:19:04)

P: Você se divertia aí nesse espaço? (00:19:20)

A: Eu amava, amava muito! (00:19:25)

P: E desse espaço? Dá para ver? (00:19:35)

A: Lembro, lembro muito! Era o corredor que a gente esticava um negócio e a ficava fazendo nossas atividades, a gente pintava, desenhava... A gente fazia tudo! Eu amava o CEU Uirapuru... Se eu pudesse eu voltava. (00:19:48)

P: Seria muito bem vinda! (00:20:22)

A: A gente ficava escalando isso daí pra fazer um balanço aí. A professora subiu lá em cima pra fazer uma balanço pra gente. (00:20:24)

P: Esse lugar você lembra? Era bem escondidinho também. (00:20:58)

A: Lembro! É nesse lugar que eu disse que os meninos quebraram o vidro. (00:21:05)

P: Isso! É lá no fundão! (00:21:12)

A: A gente ficava subindo a muralha pra gente ver o sapo porque tinha sapo lá. (00:21:16)

P: E você gostava de brincar nesse espaço, nesse pedacinho? (00:21:26)

A: Sim! A gente amava! (00:21:31)

P: E o que mais você brincava nesse pedacinho, além de procurar sapo? (00:21:34)

A: A gente brincava de quem fazia a melhor estrelinha, bananeira. Procurava giz de cera... Brincamos muito lá... a gente ficava escalando e ia escalando até o topo pra ver o que tinha lá em cima. (00:21:38)

A gente brincava até no parque lá de cima da rampa. (00:22:09)

P: Já tinha inaugurado? (00:22:15)

A: É que tinha um parque lá que a gente tomava banho de chuveirinho, aí tinha uma rampa e a gente subia e era um parque.... Eu lembro de um dia muito triste. Eu estava

com dor de cabeça e estava com febre e eu levei uma cotovelada no olho e eu saí com o olho muito roxo do tamanho de uma laranja. (00:22:24)

P: Até de coisas ruins você lembra! Demorou pra sarar? (00:23:01)

A: Ficou muito roxo...Demorou, eu tenho a marca até hoje! (00:23:04)

P: Olha aqui essa foto! O que as crianças estão fazendo. (00:23:21)

A: Lembro a gente brincava de comidinha. A gente brincava de qual Masterchef fazia prato mais bonito. Eu lembro que tinha a competição e tinha 5 segundos para fazer um prato. (00:23:26)

P: Mas eram vocês que faziam ou tinha algum adulto que pedia? (00:23:48)

A: Não, essa era a brincadeira. (00:23:58)

P: Olha aqui! Você falou da lupa...(00:24:03)

A: Sim, eu lembro. A gente era muito pequenininha! (00:24:07)

P: Esse parque aqui é o que você tinha falado. Ele estava assim antes? (00:24:20)

A: Hum, Hum. Tava! (00:24:25)

P: Não se dá para ver direitinho. É a parte de cima da rampa. (00:24:29)

A: É essa mesmo, que era a plantação. (00:24:36)

P: Isso, muito bem! Que boa memória, Alicia! Que boa memória! (00:24:40)

A: Ah, guerra de água. A guerra de bexiga de água. (00:24:47)

P: Vocês costumavam fazer muito? Guerra de bexiga. (00:25:00)

A: Não muito. (00:25:06)

P: e brincar com água. (00:25:09)

A: Era todos os dias. Eu também lembro do dia da piscina. Que tinha a piscina razinha que tinha a Mariana e a outra lá que se não tinha biquíni ia de calcinha mesmo. (00:25:14)

P: Aqui. (00:25:23)

A:Lembro, lembro, lembro sim. Lembro de todos os nomes. A gente ia pegar os bichinhos, ia quase tudo indo pegar a joaninha, borboleta. A gente queria bicho, mesmo. (00:25:47)

P:Vocês faziam o que com os bichinhos? Coleccionavam? (00:26:02)

A: gente colecionava e fica uns 20 segundinhos com eles, ou dia inteiro e na hora de ir embora gente soltava eles. (00:26:11)

P: ai que bom. (00:26:23)

A: Ah, lembro, lembro, lembro. Esse era o corredor que ficava todas as salas onde a gente deitava de cabeça pra baixo e ficava desenhando. A gente era do contra viu. A gente pintava a parede. (00:26:35)

P: E olha aqui, olha. Você lembra? Está vendo isso aqui atrás. Você lembra? (00:26:58)

A: Leu lembro era daquele circo lá, que era daquele negócio que ficava, que era um circulinho lá. Era um circulinho que ficava a gente ficava, quem desse mais volta e ficasse tonto não ia ganhar um pirilitinho de 1 real. (00:27:03)

P: É a caixad´agua. (00:27:29)

A: Ah, eu lembro. Eu era muito boa nesse jogo. (00:27:40)

P: Que jogo que era. (00:27:44)

A: Amarelinha. Esse é o comecinho daquele parque que a gente ficava zanzando e o menino quebrou a janela. (00:27:46)

P: Ah, sim você se lembra bem desse parte. (rs) (00:28:00)

A: Lembro até demais. (00:28:08)

P: Aqui é parecido, aqui também. (00:28:11)

A: Lembro a gente pegava as coisas para brincar de boneca ou de Barbie. A gente pegava e molhava o cabelo delas com água ai a gente pegava uma folhinha bem grande aí a gente punha nas árvores pra brincar que era roupa. A gente brincava de panelinha... (00:28:13)

A: Ah... lembro. (00:29:00)

P: O que ele está fazendo? (00:29:08)

A: A gente ficava aí, a gente puxava a corda. A gente ficava tentando fazer um negócio lá. A gente tentava por o pé pra subir na árvore e deixar de enfeite. (00:29:17)

Houve uma interrupção por conta da internet que travou. Combinei com a mãe de encontra-la pessoalmente quando eu fosse buscar a autorização e imagem. Neste segundo encontro mostrei a caixa para Alícia e anotei algumas falas. Os áudios gravados utilizei na descrição dos espaços do CEU.

ENTREVISTA ENZO, MANUELLA E SOPHIA 19/05/2021²⁵

P: Boa tarde! Eu sou a Priscila e estou fazendo uma pesquisa sobre as brincadeiras no CEU Uirapuru. Muitas crianças passam o dia lá brincando ou quando estão entrando ou saindo da escola também brincam nos espaços de lá. E eu quero saber o que vocês lembram. Ele está fechado, mas vocês brincavam lá? 00:00:01



Z: Ahn, ahn, sim. Eu estudava lá. 00:00:33

P: O que vocês lembrarem você podem me contar. 00:00:36

Z: Sim. 00:00:40

P: Qual seu nome e sua idade? 00:00:45

M: Manuella, 10 anos.

S: Sophia, 10 anos.

Z: Enzo, tenho 8 anos. 00:00:48

P: Vou mostrar esta caixa porque como faz muito tempo que o CEU está fechado..00:00:52

S: Não está tendo aula lá? 00:00:59

P: Sim, mas não pode usar os espaços mais como antes. Os outros espaços ficam fechados. 00:01:01

S: Nem na piscina? 00:01:09

²⁵ Considere Z: Enzo, S: Sophia, M: Manuella e P: Pesquisadora

P: Não. Aí como é difícil para as pessoas lembrarem do CEU, das brincadeiras, eu fiz uma caixa para ajudar vocês a lembrarem dos espaços. Você pode olhar e ficar a vontade. 00:01:14

P: Algumas fotos têm pessoas, mas não precisa lembrar das pessoas. A gente quer conversar sobre os espaços. 00:01:52

M: Tem foto minha aqui tia? 00:02:27

P: Não só de outras crianças brincando 00:02:30

M: O que é isso? 00:02:51 (pegando os saquinhos)

P: Barro, pedrinhas...? 00:02:56

S: Pra quê? 00:02:58

P: Porque lá no CEU tem bastante criança que brincavam com barro com as pedras, galho. 00:03:00

Z: E você guarda de lembrança? 00:03:08

P: Não eu trouxe para vocês lembrarem se brincavam com terra lá. 00:03:11

M: Brincava, há muitos anos! 00:03:15

S: Faz tempo. 00:03:20

E: Eu brincava também. 00:03:25

P: Como você brincava na terra? 00:03:30

E: Eu só fazia lama. 00:03:32

P: Lama? 00:03:34

S: Bolinho de terra. Era normal. 00:03:37

M: E até jogava. 00:03:42

P: Uns nos outros? 00:03:50

M: Era legal brincar lá. 00:03:52

E: Eu lembro de quando eu estava nessa escola. 00:04:26

S: Eu já vi todas as fotos. 00:04:33

E: Eu lembro disso aqui. 00:05:02 (Enzo separou uma foto do parque da família)

P: Aé! E do que você brincava aqui? 00:05:08

E: Tinha muita folha, galho e terra. 00:05:12

P: E você brincava com isso? 00:05:28

E: Não, eu só corria. 00:05:38

P: Vou separar essa foto então. 00:05:40

S: Eu lembro da piscina rasa. Tinha uma média, uma rasa e uma bem funda. 00:05:58

P: Vocês brincavam na piscina? 00:06:07

S: Sim. Era legal. 00:06:09

P: Era só nadar ou faziam algum tipo de brincadeira na piscina? 00:06:16

S: A gente brincava se jogava. 00:06:19

P: Tinha mais alguma coisa que você gostava no CEU? 00:06:30

E: Tinha os amigos. 00:06:35

P: Você lembra dos seus amigos, Enzo? 00:06:39

E: Sim. Eu gostava dos meus amigos. 00:06:41

P: Você ainda vê algum deles? 00:06:50

E: Não. 00:06:53

(manuseando e olhando a caixa)

P: Tem mais alguma coisa que vocês lembram e querem me contar? 00:07:57

M: Não. 00:08:01

(Enzo e Sophia mexiam na caixa, mas também fizeram sinal de não com a cabeça)

P: Então vamos fazer assim. Vocês vão desenhar o que mais gostavam de fazer no CEU e enquanto isso a gente conversa. Vocês podem escolher os papéis e o que quiserem do pote para desenhar. 00:08:09

P: Vocês gostavam de brincar lá no CEU? Por quê? 00:09:02

M: É legal.

S: Era da hora.

Z: De se divertir

P: Se eu dissesse que a gente vai agora brincar no CEU o que você ia fazer?

E: Eu ia correr pra rampa.

S: Eu não.

M: Também não. Eu ia pra piscina.

P: Viu só você lembra da rampa.

S: Do balanço também. 00:09:58

E: Oh, tia! Eu lembro do balanço, do escorregador, de correr, dos amigos... Posso desenhar? 00:10:35

P: Pode o desenho e todo seu. 00:10:42

(Fui conversando com as crianças enquanto desenhavam sobre seus desenhos.)

Sophia

Desenhei eu indo para a piscina. Era muito legal lá. Eu ia com minhas amigas. Eu gostava de brincar no parquinho, da sala de aula, mas meu lugar preferido era piscina.

Enzo

Desenhei uma caixinha de areia, o balanço, o escorregador e meus amigos. A gente corria, era a brincadeira que eu mais gostava de fazer, lá na areia.

Manuella

Desenhei uma piscina. Era lugar que eu mais gostava de brincar, tinha muita gente brincando. Eu tinha amigos lá. Minha avó deixava e a gente ia.

ENTREVISTA COM ELIAS 24/05/2021²⁶

Trecho 1

P: Tudo bem com você Elias?

E: Tudo

P: Você está com quantos anos agora? 00:00:03

E: Sete. 00:00:05

P: Você está em qual escola agora? 00:00:13

E: Na verdinha. 00:00:15

P: Na verdinha? Não continuou no CEU? 00:00:17

(Fez sinal de não com a cabeça.)

P: Você se lembra do CEU? 00:00:30

E: Lembro 00:00:34

P: O que você mais gostava lá no CEU? 00:00:40

E: Eu gostava dos meus amigos. 00:00:42

P: De quais amigos você se lembra? Tem algum que era mais legal? 00:00:46



²⁶ Considere E: Elias e P: Pesquisadora

E: Era só o Gustavo. 00:00:52

Trecho 2

P: Você ainda tem contato com ele? Brinca com ele por aí? 00:00:03

E: Brinco. Mas só de vez em quando. 00:00:09

P: Lá no CEU você lembra do lugar que mais gostava de brincar? 00:00:11

E: Lembro. 00:00:16

P: Qual? 00:00:18

E: O parquinho. 00:00:19

P: Tem mais algum lugar que você se lembra? 00:00:22

E: Não. 00:00:27

P: Ah, então eu quero ver se você é bom de memória, hein. Quero só ver! Vou mostrar pra você umas imagens lá do CEU e quero ver se você lembra e se você lembra de alguma brincadeira que você fazia nesse lugar. Vou pegar uma caixa para te mostrar. 00:00:29

(Fez gesto que sim com a cabeça)

P: Olha só! Está vendo essa caixa? Não sei se você consegue ver daí...00:01:11

E: Consigo. 00:01:16

P: O que você está vendo aí na caixa? 00:01:17

E: A piscina. 00:01:20

P: E aqui no canto, olha. Essa caixa aqui tem um montão de coisas lá do CEU. Quando a gente se encontrar eu mostro ela pessoalmente pra você. Mas agora para você enxergar melhor, eu vou mostrar elas aqui pela tela do computador. Mas essas fotos estão todas aqui dentro da caixa. Vou colocar aqui na tela e você me diz se está enxergando bem. Você não vai me ver, só vai estar vendo as fotos, mas vai me ouvir bem, certo? 00:01:24

P: Esse lugar aqui você lembra 00:03:03

E: Lembro. 00:03:06

P: Que lugar é aqui. 00:03:07

E: É a rampa amarela. 00:03:10

P: Você passava muito por aí na rampa amarela? 00:03:15

E: Passava. 00:03:18

P: Vou passar outra foto. E esse lugar aqui? 00:03:27

E: Também. 00:03:36

P: Você lembra que lugar é esse? 00:03:39

E: Lembro. 00:03:41

P: Você lembra o nome mais ou menos? 00:03:45

E: Não. 00:03:47

P: Essa é bem a entrada. Todo mundo passa para poder ir pra rampa amarela. Você brincava de alguma coisa nesse lugar? 00:03:50

E: Brincava, as vezes ia eu e a minha irmã lá jogar basquete 00:04:03

P: Você jogava basquete com a sua mãe lá? 00:04:14 (eu não tinha entendido na hora)

E: Não com a minha irmã. 00:04:16

P: Ah, com sua irmã. Ela é maior ou menor que você? 00:04:18

E: Maior. 00:04:21

P: Bem maior? 00:04:23

E: Oi irmã do Elias, tudo bem 00:04:27 (Ela apareceu no fundo)

P: Nossa, Elias! Você conseguiu enxergar a cesta de basquete lá no fundo! 00:04:30

P: E essa foto aqui? 00:04:44

E: Lembro. 00:04:47

P: Lembra? Que lugar que é? 00:04:49

E: Era o parquinho. 00:04:52

P: É, e o que as crianças estão fazendo aqui nessa foto? 0:04:54

E: Estão brincando. 00:04:57

P: Brincando do quê? 00:05:00

E: Com água. 00:05:02

P: Você brincava com água lá no CEU? 00:05:04

E: Brincava. 00:05:08

P: Como vocês brincavam com a água. 00:05:14

E: A gente pegava os baldes e colocava água e jogava nas pessoas. 00:05:18

P: Ah, é! E deixavam vocês jogarem nas pessoas? 00:05:24

E: Sim. 00:05:30

P: E você voltava molhado para casa? 00:05:33

E: Não. 00:05:36

P: Sua mãe não ficava brava, não? 00:05:39

E: Não. 00:05:43

P: Olha aqui esse lugar. Está conseguindo ver? 00:05:49

E: Tô. 00:05:56

P: Você se lembra desse lugar. O que tem no meio da foto. Está conseguindo ver? 00:05:59

E: Tô. Uma árvore 00:06:16

P: Vocês brincavam muito nas árvores do CEU? 00:06:26

E: A gente ficava subindo na árvore, pendurando no alto. 00:06:37

P: Vocês usavam alguma coisa para subir? 00:06:45

E: Não. 00:06:55

P: Não, e conseguia subir alto? 00:06:58

E: Consigo! 00:07:01

P: E hoje? Ainda consegue subir? Não ficou muito grande, não? 00:07:03

E: Fiquei, mas eu consigo. 00:07:14

P: Você tem saudade de quando você brincava lá? 00:07:18

E: Sim. 00:07:23

P: E o que você mais tem saudade. Você já falou dos amigos. Tem mais alguma coisa? 00:07:26

E: Jogar bola.. 00:07:32

P: Você jogava muita bola lá no CEU? 00:07:35

E: Sim. 00:07:40

P: Olha só. Você lembra desse lugar? 00:07:44

E: A horta. 00:07:48

P: E vocês brincavam na horta? 00:07:51

E: Brincava 00:07:54

P: Do que? 00:07:55

E: A gente entrava e corria? 00:08:00

P: A gente? Com quem você corria? 00:08:06

E: Com a professora. 00:08:10

P: A professora também? 00:08:12

P: Você já chegou a ir nesse lugar com a sua mãe ou com sua irmã? 00:08:14

E: Não 00:08:20

P: Vou passar mais uma foto então. 00:08:22

(...)

P: Lembra desse pedaço? É no mesmo lugar. Que lugar é esse? Você lembra? 00:08:50

E: Não. 00:09:00

P: É perto da horta. 00:09:06

(...)

P: Aqui. Você lembra desse lugar? 00:10:10

E: Lembro 00:10:15

P: Que espaço que é? 00:10:17

E: Era perto do campo 00:10:21

P: E vocês brincavam lá? 00:10:24

E: A gente brincava de bola, subia nessa árvore 00:10:32

P: Subia nessa árvore também? Ela é alta.. 00:10:38

E: Sim 00:10:40

P: E aqui. Você brincava aqui? Está vendo aqui no canto? Do que vocês brincavam aí? 00:10:44

E: A gente brincava de escala. 00:10:52

P: Vocês escalavam o paredão? 00:11:00

(Sinal com a cabeça)

P: Do que essas crianças estão brincando 00:11:27

E: Estão brincando de areia. 00:11:30

P: Mas elas estão na areia? 00:11:34

E: Estão. 00:11:41

E: Ah, não elas estão perto do mato. 00:11:48

P: Elas estão brincando com terra. E você? Já brincou com terra lá no CEU? 00:11:56

E: Já 00:11:59

P: Como você brincava? Elas estão usando potinhos. Você usava potinhos, usava as mãos? O que você usava para brincar? 00:12:00

E: Usava as mãos. Às vezes eu fazia bola de terra. 00:12:09

P: Com sua irmã também? 00:12:22

E: Não. 00:12:23

P: Então ela gostava do basquete mesmo! 00:12:25

E: Ahn, ahn 00:12:29

P: Esses meninos estavam brincando bem no meio do mato 00:12:32

E: Eles estão vendo a natureza. 00:12:59

P: Você também gostava de observar a natureza no CEU? 00:13:04

E: Sim. 00:13:09

P: O que você gostava de procurar na natureza? Ou de olhar? 00:13:10

E: Eu gostava de ver os bichinhos. 00:13:15

P: Tem mais alguma coisa que você lembra dos bichinhos do CEU? Que bichinho que tinha? 00:13:20

E: Tinha formiga. 00:13:30

P: E no Ceu, nas árvores, tinha algum bichinho? 00:13:43

E: Tinha, formigas carregando planta. 00:13:46

P: Aqui outra foto com água. Você lembra de quando usavam o chuveirinho? 00:14:14

E: Sim 00:14:22

P: Tem saudade? 00:14:23

E: Tenho. 00:14:26

P: Se você fosse lá hoje brincaria de novo? 00:14:30

E: Sinal com a cabeça.

P: Elias, eu lembro que você ia muito lá no Ceu com a sua mãe. 00:15:00

E: Hum. Hum 00:15:07

P: Você gostava de fazer o que lá com a sua mãe? 00:15:10

E: A gente gostava de brincar lá. 00:15:15

P: Ah é, sua mãe brincava também? 00:15:19

E: Sim. 00:15:21

P: Do que? 00:15:23

E: A gente brincava lá de se esconder. 00:15:25

P: Sua mãe brincava com você também? 00:15:30

E: Sinal com a cabeça, sorrindo.

(...)

E: É o parquinho. 00:15:59

P: É o parque da família. Por isso eu perguntei se você ia lá com a sua mãe. As famílias gostam muito de ir nesse parquinho que fica aberto. 00:16:07

(Elias vira para mãe e diz)

E: Eu quero ir. 00:16:22

P: Por enquanto está fechado, mas logo, logo, vocês vão poder voltar ... 00:16:25 (rs)

P: Aqui, outro lado do parque. Lembrou? 00:16:33

(...)

E: A gente brincava de descer no escorregador. Aí de onde tá o outro escorregador a gente pulava na areia. 00:16:55

P: Ah, é! Você pulava alto? 00:17:05

E: Pulava. 00:17:09

P: Sua mãe não reclamava de você cheio de areia para casa, não? 00:17:15

E: Sim. (rs) 00:17:18

P: Todas as mães... (rs) 00:17:20

E: E esse lugar aqui? 00:17:23

P: A gente brincava aí de esconde-esconde, pega-pega... 00:17:39

P: Também nas mesinhas? 00:17:46

P: Você gosta bastante de brincar de pega-pega e esconde-esconde, né? 00:17:49

E: É. 00:17:50

P: E nesse outro espaço? 00:17:58

E: A gente descia no mato e ficava descendo toda hora. 00:18:10

P: Descendo como? 00:18:20

E: Deitado, rolando. 00:18:22

P: Rolando! Que legal! 00:18:23

P: E essas crianças? O que elas estão fazendo? 00:18:46

E: Eles estão descendo e subindo. 00:18:51

P: E você brincava assim? 00:18:53

E: Sim. 00:18:54

P: E para brincar no CEU, você levava alguma coisa? Ou era só com o corpo mesmo? 00:19:11

E: Era só com o corpo mesmo. 00:19:15

P: E esse espaço? Você lembra? 00:19:22

E: A gente brincava de bola e aqui eu descia rolando. 00:19:30

P: Nessa rampinha? 00:19:37

E: Hum, hum 00:19:40

P: Muita gente jogava bola nesse lugar? 00:19:42

E: Sim. 00:19:45

P: De que tamanho? 00:19:49

E: Gente do meu tamanho e todas as idades. 00:19:52

P: E daqui você lembra? Que lugar é esse? 00:20:01

E: Era uma entrada do CEU. 00:20:14

P: E você entrava por aí? 00:20:16 (Perguntei, pois há duas entradas diferentes)

E: Entrava. 00:20:18

(a mãe interrompe para explicar o caminho)

M: Aqui onde está a entrada dos prédios você já vem e já dá na escola 00:20:35

P: Aqui você já falou do basquete. Tem mais alguma coisa que você lembra? 00:20:50

E: Recreio nas férias 00:21:13

P: Você participava? 00:21:22

E: Participava. 00:21:24

P: E aqui? Você lembra? 00:21:39

E: A gente brincava.....de exercitar ... A gente brincava de se exercitar, correndo, 00:21:49

P: E hoje? O CEU está fechado. Não está dando para brincar lá. Você está brincando onde agora, Elias? 00:22:19

E: A gente brincava de várias coisas aí. 00:22:38

P: Mas agora que o CEU está fechado você está brincando onde? 00:22:42

E: Em casa. 00:23:01

P: Só em casa? Você está brincando do que em casa? 00:23:04

E: Esconde, esconde, 00:23:08

M: De fazer bagunça... 00:23:16 (mãe comentou ao fundo) rs

P: A mãe também brinca de esconde e de fazer bagunça m casa? 00:23:18

M: Não eu nem tenho tempo direito. Com esse negócio, devido a pandemia eu tenho que estar ensinando o Elias. Tem as lições que tem brincadeira e eu tenho que ficar ensinando ele. 00:23:23

P: Nas lições tem brincadeira também? 00:23:29

M: Tem (rs) 00:23:40

PE você está conseguindo fazer com ele? 00:23:42

M: To conseguindo, já faz um ano e um mês que eu estou ajudando ele. Aí eu voltei a estudar e tenho que ajudar ele, a que é especial e também fazer a minha lição. 00:23:45

P: Que bom que a senhora voltou a estudar! Parabéns! Onde a senhora está estudando? 00:24:00

(interrupção + conversa paralela com a mãe)

P: Olha esse lugar aqui, Elias! Você lembra desse lugar? 00:26:19

E: Lembro (...) a piscina. 00:26:29

P: Você costumava ir na piscina com a sua família também? 00:26:37

E: Sim. 00:26:41

P: E quem costumava ir junto? Você e quem mais? 00:26:47

E: Era eu, a Isabelle e a minha mãe. 00:26:49

P: Sempre os três parceiros! Vocês conseguiam fazer alguma brincadeira na piscina fora nadar? (rs) 00:26:55

E: Sim, a gente brincava de nadar, se esconder no fundo da piscina. 00:27:11

P: E você sabe nadar? 00:27:16

E: Sei. 00:27:20

P: Você lembra desse lugar? Brincava ai bastante? 00:27:42

E: Sim, a gente brincava de plantar. Só. 00:27:48

P: Você se lembra desse pedaço? Não se consegue ver bem pela tela perto da caixa d'água lá atrás. Consegue ver? 00:28:12

E: Lembro, a gente brincava quando a gente ia embora e no recreio nas férias. 00:28:16

P: E você ficava pouco, mais ou menos ou muito tempo lá no CEU? 00:28:33

E: Pouco. 00:28:39

P: Pouco? Mas participava de tudo! 00:28:42

E: Sim. 00:28:46

P: E aqui do que as crianças estão brincando? 00:28:48

E: De pular corda. 00:28:52

P: Você brincava disso também lá? 00:28:54

E: Sim 00:28:58

P: Gostava de brincar na terra? 00:29:17

E: Gostava. A gente pegava enchi o balde e colocava de ponta cabeça e saia colocando areia. 00:29:20

P: E aqui? O que esse menino está fazendo? 00:29:57

E: Está escalando a árvore. 00:30:00

P: E você já brincou assim

E: Sim, a gente pegava a corda, colocava lá e quem conseguisse pegar ganhava uma surpresa. 00:30:25

P: Aqui tem mais criança brincando na terra, mas olha o que estão usando? 00:31:21

E: Lata, garrafa de plástico e uma panela. 00:31:36

P: Você já usou coisas assim para brincar lá? 00:31:47

E: Não. 00:31:48

P: Aqui nessa foto tem crianças fazendo várias coisas. 00:32:00

E: Um menino subindo na árvore. Um menino brincando 00:32:16

P: E essa menina está brincando do que? 00:33:20

E: De se balançar. Ela está brincando com um pano. 00:33:22

P: E você se balançava? Onde? 00:33:36

E: A gente se balançava no balanço. 00:33:38

(conversa paralela com a irmã)

P: Aqui tem areia. Você brincava na areia? 00:38:50

E: Eu brincava de enterrar meus amigos. 00:38:54

P: O que essas crianças estão fazendo? 00:42:07

E: Comendo. 00:42:09

P: Você também comia lá? 00:42:12

E: Sim. Eu fazia piquenique com a minha mãe. 00:42:14

P: Tem mais alguma coisa que você lembra de fazer lá no CEU com seus amigos sem ser com a sua irmã? 00:42:29

E: A gente brincava de ver quem consegue ganhar com o macarrão. (...) A gente corria e via quem conseguia pular na piscina com o macarrão e dava um no outro pra ver quem caia. 00:42:33

P: Que legal! Tem mais alguma coisa? 00:42:40

E: Não. 00:42:42

Agradecimentos e encerramento.

(Conversa com a mãe do Elias)

Neste momento Elias interrompeu e começou a falar novamente. Eu tinha interrompido a gravação, mas retomei neste instante:

E: Eu quero voltar para o CEU 00:00:01

P: Por que que você quer voltar para o CEU?

E: É porque eu passei muito tempo aí. 00:00:07

P: A gente torce pra que logo, logo todo mundo possa brincar lá de novo, Elias. Mas faz assim então, quando você for desenhar pensa em tudo o que você fazia no CEU e coloca pra mim! 00:00:10

E: Tá! 00:00:15

